



Avaliação Ambiental Estratégica

REGIÃO COSTA NORTE

- Linha de Base -



Julho / 2007

::: Avaliação Ambiental Estratégica da COSTA NORTE :::

::: LINHA DE BASE:::

Coordenação Geral:
Emilio Lèbre La Rovere

Coordenação Técnica:
Izabella Mônica Teixeira Vieira
Heliana Vilela de Oliveira Silva

Equipe Técnica LIMA:
Daniel Fontana Oberling
Diego do Nascimento Bastos

Coordenação Técnica LTDS/IVT
Roberto Bartholo

Equipe Técnica LTDS/IVT
André da Paz
Ivan Bursztyn

Consultores
Claudia Silva Teixeira
Elimar Pinheiro do Nascimento
Helena Costa Araújo
Jório José Carneiro Barretto Cruz
Laudo Bernardes

Apoio Técnico
Thais Ferraz
Rodrigo Ferreira Dias

Apoio Administrativo:
Bruno Siqueira
Danielle Ângela
Felipe Olivieri
Leonardo Oliveira da Silva

SUMÁRIO GERAL: LINHA DE BASE

I. ASPECTOS DO TURISMO	53
II. ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS	96
III. ASPECTOS AMBIENTAIS	136
IV. ASPECTOS TERRITORIAL E URBANO	232
V. ASPECTOS DA PARTICIPAÇÃO SOCIAL	259
VI. ASPECTOS INSTITUCIONAIS	281
VII. PLANOS, PROGRAMAS E PROJETOS.....	288



LIMA

Laboratório
Interdisciplinar
de Meio Ambiente

LISTA DE ACRÔNIMOS

ACOMOTA	Associação de Moradores de Tatajuba
ADENE	Agência de Desenvolvimento do Nordeste
AECI	Agência Espanhola de Cooperação Internacional
ANA	Agência Nacional de Águas
APA	Área de Proteção Ambiental
APP	Área de Preservação Permanente
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BNB	Banco do Nordeste
CEPENE	Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral do Nordeste
CEPIMA	
CETREDE	Centro de Treinamento em Desenvolvimento
CIRM	Comissão Interministerial para os Recursos do Mar
CN	Costa Norte
CNPT	Centro Nacional de Populações Tradicionais
COEMA	Conselho Estadual de Meio Ambiente do Ceará
CODEVAF	Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba
CONPARNA	Conselho Consultivo do Parque Nacional de Jericoacoara
COPPE	Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-graduação e Pesquisa de Engenharia
CPRM	Serviço Geológico do Brasil
DAP	Declaração de Aptidão ao PRONAF
DCPAT	Departamento de Capacitação e Produção Associada ao Turismo

DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Agropecuária
EPE	Empresa de Pesquisa Energética
FUNDEF	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
FPM	Fundo de Participação Municipal
GERCO	Programa Nacional de Gerenciamento Costeiro
GEMA	Gerência Estadual de Meio Ambiente do Estado do Maranhão
GEPLAN	Gerência de Planejamento e Desenvolvimento Econômico
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INFRAERO	Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
IUCN	União Internacional para a Conservação
LABOMAR	Instituto de Ciências do Mar
LIMA	Laboratório Interdisciplinar de Engenharia do Meio Ambiente
MDA	Ministério de Desenvolvimento Agrário
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MEC	Ministério de Educação
MI	Ministério da Integração Nacional
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MME	Ministério de Minas e Energia
MTE.	Ministério do Trabalho e Emprego

MTUR	Ministério do Turismo
MANDU	Movimento de Articulação Norte Piauiense para o Desenvolvimento Sustentável
OEA	Organização dos Estados Americanos
OMS	Organização Mundial da Saúde
OMT	Organização Mundial do Turismo
PACS	Programa de Agentes Comunitários de Saúde
PAPL	Programa de Promoção e Desenvolvimento de Arranjos e Sistemas Produtivos Locais
PARNA	Parque Nacional
PBF	Programa Bolsa Família
PDITS	Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
PIEMTUR	Empresa de Turismo do Piauí
PLANAP	Plano de Ação para o Desenvolvimento Integrado do Vale do Parnaíba
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNPE	Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego para os Jovens
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PDEE	Plano Decenal de Expansão de Energia Elétrica
PNGC	Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro
PRDT	Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo
PROBIO	Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira
PRODETUR/NE	Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste
PROINFA	Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PROURB	Projeto de Desenvolvimento Urbano e Gestão de Recursos Hídricos do Estado do Ceará

REVIZEE	Programa Avaliação do Potencial Sustentável de Recursos Vivos na Zona Econômica Exclusiva
RESEX	Reserva Extrativista
RPPN	Reserva Particular de Patrimônio Natural
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidades
SECITECE	Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará
SENAES	Secretaria Nacional de Economia Solidária
SETUR	Secretaria de Turismo do Ceará
SEMACE	Superintendência Estadual de Meio Ambiente do Ceará
SEMAR	Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Naturais do Estado do Piauí
SICCT	Secretaria da Ind. Comércio, Ciência e Tecnologia
SIES	Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
SOMA	Secretaria da Ouvidoria-Geral e do Meio Ambiente
SQA	Secretaria de Qualidade nos Assentamentos Humanos do Ministério do Meio Ambiente
TAC	Termos de Ajuste de Conduta
TOR	Termo de Referência
TPA	Terminal de Posto de Abastecimento (Aeroportos)
UC	Unidades de Conservação
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
ZEE	Zoneamento Econômico-Ecológico



Ministério do Turismo

Avaliação Ambiental Estratégica da COSTA NORTE

- Linha de Base: Aspectos do Turismo -

Sumário

1. INTRODUÇÃO	53
2. ASPECTOS RELEVANTES	53
2.1. Referências Conceituais	55
2.1.1. Ecoturismo	55
2.1.2. Turismo de Aventura	56
2.1.3. Turismo de Esportes	56
2.1.4. Turismo de Sol e Praia	57
2.1.5. Práticas Turísticas na Região	57
3. CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO NA COSTA NORTE	60
3.1. Região de Jericoacoara	60
3.1.1. Recursos e Atrativos de Base	66
3.1.2. Infra-estrutura e Serviços turísticos	70
3.1.3. Infra-estrutura e Serviços de Apoio	73
3.2. Região do Delta do Parnaíba	74
3.2.1. Características gerais	74
3.2.2. Recursos e Atrativos de Base	78
3.2.3. Infra-estrutura e Serviços turísticos	81
3.2.4. Infra-estrutura e Serviços de Apoio	84
3.3. Região dos Lençóis Maranhenses	85
3.3.1. Características gerais	85
3.3.2. Recursos e Atrativos de Base	88
3.3.3. Infra-estrutura e Serviços turísticos	91
3.3.4. Infra-estrutura e Serviços de Apoio	93
3.4. Quadro Síntese dos Problemas do Turismo	94

Tabela

Tabela I 1 — Evolução da demanda turística	61
Tabela I 2 — Origem dos empresários de turismo.....	61
Tabela I 3 — Porte econômico dos empreendimentos turísticos.....	62
Tabela I 4 — Grau de escolaridade dos empresários turísticos.....	62
Tabela I 5 — Perfil dos empreendimentos turísticos.....	63
Tabela I 6 — Número de empregados por empreendimento turístico	63
Tabela I 7 — Forma de vínculo dos empregados em estabelecimentos turísticos	63
Tabela I 8 — Perfil salarial dos empregados em estabelecimentos turísticos.....	64
Tabela I 9 — Origem da demanda hoteleira.....	65
Tabela I 10 — Motivação.....	65
Tabela I 11 — Forma de organização de viagem.....	66
Tabela I 12 — Principais atrativos naturais do litoral extremo-oeste do Ceará.....	67
Tabela I 13 — Principais produtos comercializados – Jericoacoara	70
Tabela I 14 — Oferta hoteleira.....	71
Tabela I 15 — Taxa de ocupação hoteleira	71
Tabela I 16 — Número de funcionários fixos.....	71
Tabela I 17 — Capacidade de atendimento em restaurantes.....	72
Tabela I 18 — Número de funcionários fixos.....	72
Tabela I 19 — Síntese da infra-estrutura e dos serviços de apoio no litoral extremo-oeste do Ceará.....	74
Tabela I 20 — Demanda turística do Piauí	75
Tabela I 21 — Fluxo de visitantes com base nos hospedes da hotelaria	75
Tabela I 22 — Origem da demanda.....	77

Tabela I 23 — Principais atrativos naturais do Litoral Piauiense e Delta do Parnaíba.....	79
Tabela I 24 — Principais produtos comercializados – Delta do Parnaíba	81
Tabela I 25 — Oferta hoteleira no Litoral Piauiense e Delta do Parnaíba	82
Tabela I 26 — Taxa de ocupação hoteleira	82
Tabela I 27 — Capacidade de atendimento.....	83
Tabela I 28 — Síntese da infra-estrutura e dos serviços no Delta do Parnaíba e o Litoral Piauiense	84
Tabela I 29 — Evolução da demanda turística	85
Tabela I 30 — Origem dos turistas.	88
Tabela I 31 — Principais atrativos naturais da região dos Lençóis Maranhenses e Delta do Parnaíba.....	89
Tabela I 32 — Principais produtos comercializados – Lençóis Maranhenses.....	90
Tabela I 33 — Oferta hoteleira.....	91
Tabela I 34 — Taxa de ocupação hoteleira	92
Tabela I 35 — Síntese da infra-estrutura e serviços nos Lençóis Maranhenses e Delta do Parnaíba.....	93

I – TURISMO

1. INTRODUÇÃO

A proposta da Linha de Base do Turismo é apresentar a situação atual da atividade turística na região de estudo, a Costa Norte com base em dados secundários e informações complementares. O objetivo principal é fornecer insumos técnicos para o Diagnóstico e para as demais etapas da Avaliação Ambiental Estratégica. Foram utilizadas as informações disponíveis em uma série de estudos turísticos sobre a região, pelos estados e pelo Ministério do Turismo, que contaram com a participação de parceiros, como o SEBRAE e a Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI); empregaram-se também informações resultantes de entrevistas realizadas durante a visita ao local e constantes de estudos fornecidos por Universidades e outras instituições. Entre os documentos utilizados como fonte de dados sobre a região destacam-se:

- PDITS do Estado do Ceará;
- PDITS do Estado do Maranhão;
- PDITS do Estado do Piauí;
- Plano de Roteirização – CEPIMA;
- Desenvolvimento do Setor Turístico no Litoral Extremo-oeste do Ceará, Ceará-Brasil; e
- Desenvolvimento do Setor Turístico na Área de Influência do Parque dos Lençóis Maranhenses, Maranhão – Brasil.

Inicialmente, descrevem-se alguns aspectos considerados relevantes, no que diz respeito à sustentabilidade da atividade turística e ao seu papel no combate à pobreza. Em seguida, apresentam-se alguns conceitos das modalidades de turismo praticadas, em maior ou menor escala, na região de estudo, tendo como base as definições oficiais do Ministério do Turismo, apresentadas no documento “Segmentação do Turismo – Marcos Conceituais” (2006). Por fim, apresenta-se a síntese descritiva da atividade turística nos três principais pólos turísticos da região – Pólo Lençóis Maranhenses, Pólo Delta do Parnaíba e Pólo Jeri.

2. ASPECTOS RELEVANTES

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), as diretrizes e práticas para o desenvolvimento sustentável do turismo são aplicáveis a todas as formas de turismo, em todos os tipos de destino. Os princípios da sustentabilidade se referem aos aspectos ambientais, econômicos e socioculturais do desenvolvimento do turismo, devendo-se estabelecer um equilíbrio adequado entre estas três dimensões para garantir a sustentabilidade no longo prazo.

O turismo sustentável deve otimizar o uso dos recursos ambientais, respeitar a autenticidade sociocultural das comunidades receptoras e gerar benefícios socioeconômicos a serem distribuídos de maneira justa entre todos os envolvidos na atividade. O seu desenvolvimento requer a participação transparente de todos os atores relevantes, assim como uma forte liderança política. Trata-se de um processo contínuo, que exige um constante monitoramento de seus impactos. O turismo sustentável deve, também, manter um alto nível de satisfação para o turista, fundamental para a sua sustentabilidade em longo prazo (WTO, 2004).

"O desenvolvimento do turismo tem que estar baseado em critérios de sustentabilidade, o que significa que deve ser ecologicamente suportável no longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente equitativo para as comunidades locais" (WTO, 1995).

Na Conferência Rio+10, realizada em Johannesburg, 2002, a OMT propôs o desenvolvimento do turismo sustentável como uma força em favor da eliminação da pobreza. A iniciativa previa um trabalho de longo prazo que atuasse, especificamente, no alívio da pobreza, abordando as questões sociais, econômicas e ambientais e gerando desenvolvimento e renda para as pessoas que vivem com menos de um dólar americano por dia.

A erradicação da pobreza extrema faz parte de um dos "Objetivos de Desenvolvimento do Milênio", da Organização das Nações Unidas (ONU). Com o programa "ST-EP" (*Sustainable Tourism-Eliminating Poverty*), a OMT introduziu as diretrizes para o alívio da pobreza, relacionando este objetivo com a sua busca pelo turismo sustentável (OMT, 2006).

No Brasil, os Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo (PRDT) consolidam o turismo como um dos importantes eixos de atuação governamental. O Plano Nacional do Turismo considera como orientadores de suas ações os seguintes vetores de governo (MTUR, 2005):

- geração e distribuição de renda;
- geração de emprego e ocupação; e
- equilíbrio do balanço de pagamentos do país.

Note-se que os vetores redução das desigualdades regionais e sociais que orientam as ações do Plano Nacional do Turismo dão ênfase à pobreza e à desigualdade, problemas sérios no Brasil. De acordo com a Agenda 21 Brasileira, a redução da pobreza está diretamente ligada à preservação ambiental e ao desenvolvimento sustentável, considerando-se que as famílias pobres são, ao mesmo tempo, vítimas e agentes de danos ambientais.

A promoção do turismo sustentável converge, então, com ações voltadas para a melhoria das condições de vida das populações pobres, o que se evidencia no "Projeto Turismo Sustentável e Alívio da Pobreza", do Ministério do Turismo, cujo principal objetivo é aperfeiçoar os PRDT e enfatizar o seu papel no alívio da pobreza. A experiência internacional de implantação e operação de grandes projetos de investimento em países e áreas menos desenvolvidas mostra que estes projetos têm impactos significativos nos aspectos econômicos, ambientais, sociais e urbanos (Haddad, 2006).

A partir da experiência com o PRODETUR/NE, inserido nos PRDT promovidos pelo MTur, constatou-se a necessidade de ajustes na estrutura conceitual desse programa, para que se pudesse alcançar suas metas, melhorando a qualidade de vida das populações residentes nas regiões turísticas beneficiadas. Na segunda fase de execução do PRODETUR/NE II, estas questões foram incorporadas, aprimorando-se sua eficiência neste sentido.

2.1. Referências Conceituais

A região de estudo apresenta diferentes vocações para o turismo, em sua maioria relacionado à diversidade de seus atrativos naturais. Pode-se identificar as modalidades de turismo praticadas na região, mesmo que de forma incipiente e desorganizada, associando-as às diferentes atividades turísticas lá praticadas, ainda que, em alguns casos, não seja possível classificá-las com precisão de acordo com as definições que seguem¹.

2.1.1. Ecoturismo

A Costa Norte apresenta condições adequadas para a prática do Ecoturismo, o qual se pratica, predominantemente, em áreas onde a natureza se encontra em bom estado de preservação. Esta modalidade de turismo não só requer atrativos naturais, como também depende do comportamento e do tipo de interação que o turista estabelece com o meio ambiente e as comunidades receptoras.

A partir da publicação das “Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo” (EMBRATUR e MMA, 1994), o turismo ecológico passou a se denominar Ecoturismo, assim definido:

“Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações” (EMBRATUR e MMA, 1994).

A definição desta modalidade se faz a partir das características da oferta, em função da motivação do turista e em relação à atitude do prestador de serviços, da comunidade receptora e do turista, considerando os seguintes aspectos:

- utilização sustentável do patrimônio natural e cultural, visando promover a harmonia dos seres humanos entre si e com a natureza;
- incentivo à conservação do patrimônio natural e cultural e busca de uma consciência ambientalista pela interpretação do ambiente, promovendo a reflexão e a integração do homem com os ecossistemas, os costumes e a história local;
- promoção do bem-estar das populações, com a distribuição dos benefícios das atividades ecoturísticas às comunidades receptoras, de forma a torná-las protagonistas do processo de desenvolvimento.

O Ecoturismo está estruturado sobre a interpretação, conservação e sustentabilidade e pode ser entendido como:

“Ecoturismo: atividades turísticas baseadas na relação sustentável com a natureza, comprometidas com a conservação e a educação ambiental” (MTur, 2006).

Apesar de todos os esforços do setor público e da iniciativa privada, ainda existem barreiras entre a teoria – principalmente em relação aos modelos nacionais – e a prática do Ecoturismo. Em consequência, o

¹ As definições das modalidades turísticas podem ser encontradas no documento “Segmentação do Turismo–Marcos Conceituais” (MTur, 2006).

Ecoturismo praticado no Brasil é ainda uma atividade confusa, desordenada e impulsionada, quase que exclusivamente, pela oportunidade mercadológica, deixando, a rigor, de gerar os benefícios sócio-econômicos e ambientais esperados e comprometendo o conceito e a imagem do produto ecoturístico brasileiro nos mercados interno e externo (EcoBrasil, 2006).

A grande diversidade de práticas ecoturísticas acabou por criar nomes, rótulos e títulos, nem sempre adequados (EMBRATUR, 2001). O que se entende ou se define como Ecoturismo, na realidade uma coletânea de princípios, é utilizado, de forma generalizada e distorcida, como forma de promover viagens, transformando-o em segmento turístico. Existem diversos termos comumente associados ao Ecoturismo: Turismo Alternativo, Turismo Ambiental, Turismo Antropológico, Turismo Científico, Turismo Cultural, Turismo de Aventura, Turismo de Baixo Impacto, Turismo de Natureza, Turismo de Selva, Turismo Ecológico, Turismo Étnico, Turismo Responsável, Turismo Rural, Turismo Sustentável, Turismo Verde. (EcoBrasil, 2006).

2.1.2. Turismo de Aventura

As atividades de aventura se caracterizam por experiências físicas e sensoriais recreativas capazes de proporcionar diversas sensações, envolvendo desafio e riscos controláveis, que variam conforme a exigência de cada atividade e a capacidade física e psicológica do turista.

Inicialmente, o Turismo de Aventura era considerado uma atividade associada ao Ecoturismo, mas adquiriu características próprias e conquistou espaço no mercado como um segmento diferenciado. Devido às suas especificidades, principalmente no que diz respeito à segurança, verificou-se a necessidade de delimitar a sua abrangência em relação a outros tipos de turismo.

As atividades que caracterizam o Turismo de Aventura podem ser praticadas em qualquer espaço: natural ou construído, rural ou urbano. A definição adotada pelo Ministério do Turismo é a seguinte:

"Turismo de Aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo" (MTur, 2006).

Em algumas localidades na região de estudo, a prática de esportes aquáticos que dependem de vento, como o "windsurf" e o "kitesurf", pode ser classificada como turismo de aventura, uma vez que envolve uma intensa interação física e sensorial com a natureza, desafio e riscos controláveis. Entretanto, torna-se difícil distinguir algumas atividades de aventura de atividades esportivas, sobretudo quando são promovidos eventos e competições das modalidades praticadas. Conforme o conceito de Turismo de Esportes apresentado a seguir, essas atividades poderiam se enquadrar, também, nessa outra modalidade de turismo.

2.1.3. Turismo de Esportes

De acordo com o Ministério do Turismo (2006), a delimitação da abrangência deste segmento ainda está em discussão. Considerando o movimento turístico motivado pelo esporte e o fato de que, tanto no turismo como no esporte, se presume de modo geral inter-relação e congraçamento, estabeleceu-se a seguinte definição:

"Turismo de Esportes compreende as atividades turísticas decorrentes da prática, envolvimento ou observação de modalidades esportivas" (MTur, 2006).

Há uma fronteira muito tênue, definida pela forma como as atividades são praticadas, que separa o Turismo de Aventura do Turismo de Esportes. A diferenciação se complica especialmente em relação aos esportes que se destacam na região de estudo, o "windsurf" e o "kitesurf", que possuem um caráter "aventureiro", mas são modalidades esportivas reconhecidas oficialmente², além de temas de eventos e competições. As atividades esportivas, sejam elas de aventura ou não, quando entendidas como competição, são consideradas como Turismo de Esportes. E caso os praticantes de "windsurf" e "kitesurf" viagem para um destino com a intenção de participar ou assistir a alguma competição ou evento, esta viagem deve ser assim classificada.

2.1.4. Turismo de Sol e Praia

"Turismo de Sol e Praia constitui-se das atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor" (MTur, 2006).

As praias representam um dos principais atrativos turísticos da atualidade, especialmente nos países tropicais. A combinação dos três elementos (água, sol e calor) constitui o principal fator de atratividade. No Brasil, desde os anos 1970, o Nordeste vem se destacando como principal destino de Turismo de Sol e Praia, assumindo a atividade um papel importante na economia da área litorânea.

O clima e a temperatura da região de estudo, assim como suas inúmeras praias, oferecem boas condições para o Turismo de Sol e Praia, que já é praticado em certas localidades. A região não é um destino consagrado de Turismo de Sol e Praia, apesar de localizada na Região Nordeste do País, conhecida mundialmente como opção de destino para esta modalidade. A grande demanda por este tipo de turismo e a localização privilegiada da região de estudo podem ser consideradas fatores positivos, mas a vasta oferta de destinos de Sol e Praia no mundo, no Brasil e na própria Região Nordeste torna esse mercado bastante competitivo.

Algumas viagens têm como objetivo a recreação, o entretenimento e o descanso em praias, o que pode estar relacionado ao divertimento, à distração ou ao usufruto e à contemplação da paisagem. Nestes casos, também são considerados como destinos de Sol e Praia as praias fluviais, lacustres e artificiais. O potencial da região também se estende neste sentido, uma vez que apresenta inúmeros rios e lagoas de rara beleza.

2.1.5. Práticas Turísticas na Região

A definição dos conceitos das diferentes modalidades turísticas é feita de acordo com a experiência vivida pelo turista que, na maioria das vezes, possui uma motivação especial para a sua viagem. Entretanto, as opções de transporte, hospedagem e outros serviços turísticos podem variar de acordo com o interesse do turista, independente da motivação da sua viagem. Neste sentido, surgiram algumas definições para diferentes

² O "windsurf", por exemplo, é um esporte de vela olímpico, classificado como "Prancha a Vela Mistral" (Federação Brasileira de Vela e Motor, 2006).

formas de se praticar o turismo, as quais se baseiam, principalmente, na estrutura utilizada pelo turista e na forma como ele interage com o seu destino.

Um visitante que procura um destino de sol e praia, por exemplo, pode optar por diferentes formas de usufruir tais atrativos. É possível que ele deseje passar o dia na praia e retornar ao seu local de origem, caso seja viável essa forma de deslocamento, ou se hospedar na casa de parentes ou amigos. Pode, ainda, possuir uma casa de veraneio para passar férias e fins-de-semana. Da mesma forma que alguns turistas optam por *resorts* e hotéis de luxo, há aqueles que desejam um contato mais próximo com as comunidades visitadas e preferem hospedagens com as famílias, que lhes permita vivenciar o estilo de vida da população local.

As diferentes formas de se praticar turismo apresentam aspectos positivos e negativos para o destino visitado e as comunidades receptoras. Foram identificadas algumas dessas práticas na região de estudo, e buscou-se destacar as principais características de cada uma delas.

Segunda Residência

Esta prática é muito comum em algumas praias do litoral brasileiro e, em geral, se enquadra na modalidade de turismo de Sol e Praia. A segunda residência também é comum nas regiões serranas e em qualquer outro lugar onde as pessoas tenham interesse de passar suas férias, feriados, ou uma temporada de descanso.

O que caracteriza o turismo de segunda residência são os meios de hospedagem: casas de veraneio, alugadas ou próprias. Normalmente, o turista utiliza seu próprio meio de transporte e, por vezes, traz alimentos e produtos que possam ser úteis durante a viagem. A segunda residência costuma ser a opção das pessoas que vivem nos grandes centros e querem ter uma opção garantida e mais barata de descanso, em locais mais tranquilos, onde possam estar afastados do ritmo de vida acelerado. Por este motivo, trata-se de uma prática que predomina em destinos próximos aos grandes centros, como os balneários e pequenas cidades de veraneio.

Existem algumas praias na região de estudo que, apesar de inseridas em iniciativas de desenvolvimento do turismo de sol e praia, constituem uma opção de segunda residência para os turistas, sendo ocupadas, em grande parte, por casas de veraneio.

Esta forma de se praticar turismo tem um pequeno efeito gerador de renda e emprego, uma vez que demanda uma quantidade menor de serviços e produtos. As regiões onde predomina a segunda residência costumam sofrer uma grande variação populacional, entre os períodos de baixa e alta temporada, normalmente vinculada aos períodos de férias escolares e feriados. A demanda é predominantemente regional, pois as viagens de veraneio costumam se caracterizar por pequenos deslocamentos.

Excursionismo ou Bate e Volta

O excursionismo se caracteriza pelas viagens de apenas um dia, nas quais o visitante não pernoita no destino, usufruindo os atrativos, mas gerando pouca renda para as comunidades receptoras. Todo o agenciamento da excursão é feito de fora do destino, restando apenas o serviço de alimentação como consumo local dos visitantes. Trata-se de uma prática de impacto adverso significativo, principalmente quando realizada

em grande escala (ônibus de excursão) em áreas naturais, e que beneficia de forma muito superficial a estrutura turística e a população residente nos destinos visitados.

O Bate e Volta é praticado, geralmente, em regiões próximas a capitais e centros urbanos mais desenvolvidos, de onde são agenciadas as excursões. É necessário que o tempo de deslocamento seja curto, como no caso de alguns pontos da região de estudo, próximos às capitais. Além da viagem de ida e volta, no mesmo dia, ainda é preciso que no destino reste tempo para usufruir os atrativos.

Turismo de Base Comunitária

O Turismo de Base Comunitária (TBC) tem como principal característica o envolvimento direto da comunidade receptora no planejamento, no desenvolvimento, na gestão e no monitoramento da atividade turística. Seu foco está no bem-estar e na geração de benefícios para os residentes. Apesar da pequena escala, o TBC é considerado um atrativo diferenciado para os visitantes que buscam um maior contato com as populações tradicionais, ao invés do isolamento em hotéis tradicionais. Pode estar associado a diferentes modalidades de turismo, como o Turismo de Sol e Praia, o de Aventura, o Ecoturismo, ou o Turismo Cultural.

Apesar do TBC, por si só, representar um atrativo, ele pode ser mais bem compreendido a partir das características da oferta, pois as principais diferenças são a forma como o turista é recebido e a estrutura turística simples e familiar que lhe é oferecida. Sua definição não está relacionada diretamente com os atrativos naturais ou culturais, mas ao modo como a população participa e interage com os visitantes. Há turistas, principalmente estrangeiros, que optam pela estada em pequenas vilas de pescadores, ao invés de *resorts* ou hotéis luxuosos.

Um dos aspectos positivos desta modalidade de turismo é que os seus impactos no ambiente natural e cultural são parcialmente controlados em favor da comunidade. O cerne desta proposta é garantir que a atividade turística seja, em sua maior parte, desenvolvida e operada pela população local, fazendo com que os recursos provenientes do turismo se revertam em benefícios diretos para os moradores. Para isso, é fundamental que eles tenham oportunidade e capacidade empreendedora para se desenvolver junto com o turismo, tornando-se protagonistas do processo e, não somente, uma espécie de "exército de reserva" de mão-de-obra desqualificada.

Podem ser identificadas algumas iniciativas de caráter comunitário ao longo da região de estudo, em diferentes graus de desenvolvimento e envolvimento das comunidades locais. Em alguns casos, o auxílio de organizações não governamentais e a mobilização voluntária da comunidade contribuem para o desenvolvimento mais acelerado dessas práticas.

3. CARACTERIZAÇÃO DO TURISMO NA COSTA NORTE

O objetivo deste Capítulo é apresentar o “estado da arte” do desenvolvimento do turismo na região em estudo.

3.1. Região de Jericoacoara

Esta região abrange os municípios de Jijoca de Jericoacoara, Camocim e Barroquinha, todos no litoral Oeste do Estado do Ceará. No Município de Jijoca de Jericoacoara, situa-se o principal destino, a Vila de Jericoacoara, ou simplesmente Jeri como é mais conhecida pelos turistas (e como será nomeada neste estudo).

Histórico de desenvolvimento do turismo

A região do litoral extremo-oeste do Estado do Ceará é muito conhecida por sua incrível beleza cênica constituída por praias paradisíacas, dunas, lagoas e mangues. Some-se ao enorme potencial dos recursos naturais, a cultura das populações litorâneas e seu modo de vida, suas festas, seus costumes e, principalmente, sua hospitalidade e receptividade. O clima quente semi-úmido do litoral cearense é convidativo³, garantindo o sol durante a maior parte do ano. A combinação desses ingredientes faz da região um lugar propício ao desenvolvimento do turismo.

Apesar de apresentar paisagens semelhantes, os municípios em questão apresentam níveis de desenvolvimento turístico distintos. Jeri já é um destino conhecido internacionalmente e conta com uma oferta variada de serviços e produtos para o turista. Camocim é um destino mais conhecido regionalmente e atrai visitantes, principalmente, nos feriados e durante o Carnaval. Barroquinha é o menos preparado para receber turistas, contando com poucos serviços voltados para o atendimento dos visitantes.

É recente o interesse dos turistas pela região. Até meados da década de 1980, por exemplo, Jeri era apenas uma pequena aldeia de pescadores, sem energia elétrica, que vivia basicamente da pesca e da agricultura de subsistência. Mas, com o passar dos anos, primeiro os cearenses, depois os brasileiros e, mais recentemente, os estrangeiros descobriram seus encantos, e hoje a região se consolida como principal destino do litoral cearense.

No Ceará, na última década, a atividade turística destacou-se, levando os gestores públicos a considerar a atividade como prioritária para o desenvolvimento do estado. A intensificação dos investimentos e o aprimoramento das políticas públicas proporcionaram o salto de 761.777 turistas, em 1995, para 1.550.857, em 2003, um aumento de 103,6% na visitação ao estado (MTUR e AECI, 2004). A análise da evolução dos fluxos turísticos (Tabela I 1) confirma a primazia de Jeri como destino turístico. O número de turistas tem crescido,, passando de 23.119 turistas em 1998 para 106.817 em 2003, um aumento de mais de 360%. A taxa média de permanência do turista no município aumentou, passando de 2,6 dias em 1998, para 3,3 em 2003. Camocim também vivenciou um grande crescimento do turismo no mesmo período: de 3.237 turistas, em 1998, para 8.062 em 2003, um aumento de quase 150%. No entanto, a taxa de permanência dos turistas neste município caiu de

³ Média anual de cerca de 27°C, alta taxa de insolação (2.800 h/ano), águas do mar e das lagoas quentes e precipitação média anual baixa (775 mm).

5,6 dias, em 1998, para três dias em 2003. A diferença entre a visitação de Jeri e Camocim demonstra que o grande potencial do segundo ainda não foi aproveitado ⁴.

Tabela I 1 — Evolução da demanda turística

Ano	J. de Jericoacoara		Camocim	
	Nº de turistas	Média de permanência (dias)	Nº de turistas	Média de permanência (dias)
1998	23.119	2,6	3.237	5,6
1999	45.417	2,8	6.488	3,5
2000	35.288	2,8	5.114	3,9
2001	44.551	3	4.144	1,7
2002	113.945	3,1	6.104	3,3
2003	106.817	3,3	8.062	3

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em MTur e AECI (CE), 2006.

Perfil do empreendedor

O aumento do fluxo de visitantes chamou a atenção dos empreendedores, que enxergaram uma ótima oportunidade de se beneficiarem com o turismo, principalmente, por meio de estabelecimentos voltados para a hospedagem, a alimentação, o agenciamento de passeios e o transporte.

Em Jeri, 100% dos empresários ligados ao turismo são de origem local, segundo a fonte consultada (Tabela I 2). No entanto, durante a visita à região, constatou-se que esta parece ser uma afirmação indevida. Na percepção da equipe, que realizou uma série de entrevistas no local, a maior parte do empresariado é de outros estados do Brasil ou do estrangeiro. Os estabelecimentos voltados para hospedagem, alimentação e lazer se concentram nas mãos de forasteiros. Esta percepção é corroborada pelo relatório de "Diagnóstico e Identificação" elaborado pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI), que destaca: "*a presença de estrangeiros no processo de desenvolvimento turístico da região pode ser um elemento negativo se impedir que a comunidade local usufrua os seus benefícios*" (MTUR e AECI, 2004). Assim, os únicos serviços prestados quase que exclusivamente pelos moradores são os de guia e transporte (bugues e cavalos) aos atrativos turísticos, para os quais é necessário um profundo conhecimento do terreno.

Tabela I 2 — Origem dos empresários de turismo

Municípios	Origem		
	Local	Nacional	Internacional
Camocim	82%	-	18%
J. de Jericoacoara	100%*	-	-

* Dado conflitante com as informações obtidas durante a visita de campo.

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado no PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

Por sua vez, 82% dos empresários turísticos de Camocim são do próprio município, enquanto o restante é de estrangeiros. O maior empreendimento de capital internacional é o Hotel Boa Vista *Resort*, que

⁴ Não foi possível obter dados referentes à evolução do turismo em Barroquinha, na maioria das informações apresentadas.

recebe a quase a totalidade dos turistas estrangeiros que visitam o município. Este *resort* é parte de um projeto maior, chamado “Camocim Global Village”, que prevê a instalação de uma rede hoteleira com mais de 38.000 leitos, campos de golfe, aeroporto e área industrial, em um prazo de até vinte anos.

Além do Camocim Global Village, está sendo divulgado também outro mega-projeto no Município de Camocim, de responsabilidade da empresa Vitória Régia Empreendimentos Ltda. – o “Condado Ecológico”, que ocupará uma área de mais de 5.000 ha em Tatajuba. Ambos os projetos contam com o apoio político dos governos estadual e municipal. Em novembro de 2003, foi assinado um Protocolo de Intenções pelo o Governo do Estado do Ceará, as Prefeituras de Camocim e de Granja e a empresa Marilha Holding Ltda⁵, o que demonstra o apoio político à presença de investidores estrangeiros na região.

A estrutura econômica dos empreendimentos turísticos ali instalados também merece atenção. Em Camocim e Jeri a maior parte é de pequeno porte (91% e 87%, respectivamente). Em Camocim, os 9% restantes são de grande porte e, em Jeri, de médio porte⁶ (Tabela I. 3).

Tabela I 3 – Porte econômico dos empreendimentos turísticos

Municípios	Porte dos empreendimentos		
	Pequeno	Médio	Grande
Camocim	91%	-	9%
J. de Jericoacoara	87%	13%	-

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

O grau de capacitação para o exercício das funções empresariais, medido, além de outros fatores, pelo grau de escolaridade do proprietário ou gerente dos empreendimentos, é bom, considerando-se que, em Camocim e em Jeri. 55% e 88%, respectivamente, completaram o ensino médio e 45% e 12%, respectivamente, algum curso universitário (Tabela I 4).

Tabela I 4 – Grau de escolaridade dos empresários turísticos

Municípios	Grau de escolaridade			
	Sem Instrução	Fundamental	Médio	Superior / Especialização
Camocim	-	-	55%	45%
J. de Jericoacoara	-	-	88%	12%

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

A distribuição entre empresas de gestão familiar e profissional nos municípios em questão é diferenciada (Tabela I 5). Enquanto em Camocim 82% dos empreendimentos são geradores de empregos e apenas 18%, de caráter familiar, em Jeri 25% são empresas empregadoras e 75%, familiares.

⁵ Publicado no D.O. Estadual, Série 2, Ano VII, nº 59, de 30 de março de 2004.

⁶ A classificação utilizada não obedece ao padrão estabelecido pelo Ministério do Trabalho e Emprego e utilizado pelo SEBRAE que define o porte dos empreendimentos de acordo com o número de empregados: micro (até 19 funcionários), pequeno (de 20 a 99 funcionários), médio (de 100 a 499 funcionários) e grande (mais de 500 funcionários). Para mais informações consulte o site do MTE: <http://www.mte.gov.br>.

Tabela I 5 — Perfil dos empreendimentos turísticos

Municípios	Perfil	
	Familiar	Empregadora
Barroquinha	-	-
Camocim	18%	82%
J. de Jericoacoara	75%	25%

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

Quanto ao número de empregados por empreendimento (Tabela I 6), pode-se afirmar que a maior parte das empresas emprega entre dois e cinco funcionários (46% em Camocim e 62% em Jeri). Por conta do porte dos empreendimentos em Camocim, 27% das empresas contratam mais de dez funcionários. Por outro lado, em Jericoacoara, 25% das empresas têm dois ou menos funcionários, o que confirma o perfil de empreendimentos de pequeno porte predominante nos municípios.

Tabela I 6 — Número de empregados por empreendimento turístico

Municípios	Número de funcionários			
	Até 2	2 – 5	6 – 10	Mais de 10
Camocim	9%	46%	18%	27%
J. de Jericoacoara	25%	62%	-	13%

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

Perfil da mão-de-obra empregada

Um problema recorrente em toda a região diz respeito à informalidade dos empregos. Em Camocim e Jeri, 36% e 38% dos empreendimentos, respectivamente, não mantêm vínculo formal com seus funcionários. Em Camocim, 55% dos estabelecimentos têm mais de 30% dos funcionários regularizados e 9% têm até 10% de sua mão-de-obra trabalhando com carteira assinada. Em Jeri, 49% dos estabelecimentos têm entre 21% e 30% dos funcionários com vínculo formal e 13%, entre 11% e 20% de seus funcionários trabalhando com carteira assinada (Tabela I 7).

Tabela I 7 — Forma de vínculo dos empregados em estabelecimentos turísticos

Municípios	Empregos com vínculo formal				
	Até 10%	11% a 20%	21% a 30%	Acima de 30%	Sem vínculo formal
Camocim	9%	-	-	55%	36%
J. de Jericoacoara	-	13%	49%	-	38%

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

A faixa salarial situa-se, majoritariamente, em até dois salários mínimo. O turismo, como atividade relativamente nova na geração de emprego, ainda não conseguiu reverter a tendência de baixa remuneração observada nessa região do País (Tabela I 8).

Tabela I 8 — Perfil salarial dos empregados em estabelecimentos turísticos

Municípios	Média salarial			
	Até 1	1 - 2	2 - 3	Mais de 3
Camocim	45%	46%	9%	-
J. de Jericoacoara	13%	63%	24%	-

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

Sazonalidade

As características de sazonalidade do turismo nos municípios em questão são, em geral, similares. Segundo o PDITS da Costa do Sol, que abrange a região de Jeri, existem dois pontos de pico, concentrados nos períodos de férias escolares; assim dezembro, janeiro e julho são os meses de maior ocupação hoteleira, correspondendo à alta temporada. O mês de fevereiro apresenta uma ocupação mediana, mostrando que o ritmo de queda é menor após a alta temporada de início de ano quando comparada à queda observada em agosto. Os meses de março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro e novembro são tidos como de baixa temporada.

No entanto, as entrevistas realizadas durante a visita à região revelaram uma certa contradição. Em Jeri, os fortes ventos que incidem na região durante todo o ano são propícios à prática dos chamados esportes de vento ("*windsurf*" e "*kitesurf*"), atraindo praticantes do mundo todo. Essa característica tem influência direta na sazonalidade, uma vez que o período de férias de verão no hemisfério Norte se estende até final de setembro e início de outubro. Assim, segundo os entrevistados, a alta temporada vai desde o feriado de passagem do ano (final de dezembro) até o Carnaval (fevereiro ou março) e de julho ao final de setembro. Os meses de junho e novembro foram apontados como os de menor ocupação hoteleira. Em Camocim, parece ocorrer o mesmo, só que em menor escala. Como a maior parte dos hóspedes do Hotel Boa Vista *Resort* são de origem européia; sua maior ocupação se dá nos meses relativos às férias de verão no hemisfério Norte.

Modalidades de turismo

A região oferece condições propícias para o desenvolvimento do turismo, na maioria dos casos ligados à natureza. Podemos identificar o Turismo de Sol e Praia e o Ecoturismo como as modalidades mais praticadas. Conforme apontado anteriormente, há dificuldades quanto à diferenciação entre o Turismo de Esporte e o Turismo de Aventura, em certos casos. No caso de Jeri, a prática do "*windsurf*" e do "*kitesurf*" pode ser classificada das duas maneiras, pois, além dos praticantes que visitam a região pelo simples prazer de usufruir as boas condições naturais para o esporte, há também a realização de eventos esportivos de âmbito regional, nacional e internacional que atraem atletas amadores e profissionais.

Outra modalidade identificada é o Turismo de Base Comunitária (TBC). A iniciativa mais significativa de TBC na região está situada na praia de Tatajuba, no município de Camocim. Em decorrência do processo de mobilização e organização da comunidade, a Associação Comunitária de Moradores da Tatajuba (ACOMOTA), vem trabalhando para criar uma infra-estrutura local voltada ao desenvolvimento do turismo comunitário, tendo por base princípios da economia solidária e distribuição equitativa dos recursos. O trabalho envolve a participação direta de mulheres, jovens e pescadores. Têm sido desenvolvidas ações voltadas à capacitação das

lideranças locais, na perspectiva de viabilizar um turismo sustentável que gere benefícios econômicos à comunidade, valorização da cultura e proteção ao meio ambiente.

Os impactos sociais, culturais e ambientais do projeto de turismo de base comunitária desenvolvido em Tatajuba geram efeitos positivos na comunidade, fortalecendo a luta pela posse da terra, pelo respeito à cultura e às tradições locais e pela desconcentração de riqueza (Mendes, 2006 e Aguiar, 2001). Há outras comunidades da região onde o TBC é ainda incipiente, como na Praia do Preá, nos municípios de Cruz e Camocim, e nos povoados de Guriú e Mangue Seco.

Perfil do turista

A avaliação da origem dos hóspedes (**Tabela I 9**) permite que se faça a análise do público integrante da demanda turística dos municípios. Em Camocim, a demanda hoteleira é formada, principalmente, por turistas provenientes do próprio estado do Ceará. Já Jeri destaca-se por apresentar demanda hoteleira de destinos de maior distância, sendo que o turismo inter-regional e o internacional representam 78% da demanda total.

Tabela I 9 — Origem da demanda hoteleira

Municípios	Origem (%)				
	Ceará	Outros estados do Nordeste	Estados do Sudeste	Outros estados do Brasil	Exterior
Camocim	87,2	0,0	0,0	0,0	12,8
J. de Jericoacoara	17,3	4,7	41,9	7,7	28,4

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

De modo geral, pode-se afirmar que a demanda hoteleira é formada por turistas com motivações de lazer; 94,4% e 60,4% dos turistas que visitam Jeri e Camocim, respectivamente, o fazem por esse motivo. Mas, principalmente em Camocim, vale ressaltar a existência de uma significativa demanda hoteleira de turistas de negócio e eventos, e outras não diretamente ligadas ao lazer (**Tabela I 10**).

Tabela I 10 — Motivação

Municípios	Motivo (%)	
	Lazer	Outros
Camocim	60,4	39,6
J. de Jeri	94,4	5,6

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

Quanto ao tipo de organização das viagens (**Tabela I 11**), 9,6% e 21,7% dos turistas de Camocim e Jeri, respectivamente, contratam agências de turismo. Ressalte-se que esses valores são relativos aos hóspedes dos estabelecimentos hoteleiros, e não ao total de visitantes que cada município recebe.

Tabela I 11 – Forma de organização de viagem

Municípios	Tipo de Organização (%)	
	Agência de turismo	Particular
Camocim	9,6	90,4
J. de Jericoacoara	21,7	78,3

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

Fluxo turístico regional

Os turistas provenientes de lugares mais distantes que visitam a região passam, em sua maioria, pelo aeroporto de Fortaleza e de lá seguem por terra até o destino desejado. Um pequeno fluxo turístico provém de cidades do Piauí. Há, ainda, os que optam pelo roteiro integrado *Lençóis Maranhenses – Delta do Parnaíba – Jericoacoara*, oferecido pelas agências de receptivo da região, que percorrem toda a área em veículos de tração nas quatro rodas, guiados por motoristas experientes que conhecem bem as trilhas.

3.1.1. Recursos e Atrativos de Base

Atrativos naturais

Os atrativos naturais desses municípios formam um conjunto de grande expressão. Às praias propriamente ditas, somam-se dunas, lagoas, rios e manguezais, que compõem o cenário natural litorâneo. Pode-se afirmar que a beleza natural é um dos principais elementos de atração turística.

A praia de Jeri, conhecida internacionalmente por sua beleza, é muito visitada por estrangeiros, oferecendo um produto turístico diferenciado, com destaque para a visão do pôr do sol desde a duna conhecida como “Duna do Pôr do Sol”, localizada próxima à vila, e para a formação rochosa da “Pedra Furada”, que durante os meses de julho e agosto proporciona um espetáculo a parte: o pôr do sol é visto por dentro do furo da pedra. Inúmeras outras praias menos visitadas apresentam potencial de atração significativo. O conjunto de lagoas possui atratividade singular, servindo a prática de esportes e diversões aquáticas, ou ao simples banho. As dunas, espalhadas por todo o litoral, são palco de passeios de bugues e outros veículos motorizados, somando um valor significativo à oferta de atrativos da região.

Outro atrativo da Vila de Jeri diz respeito à própria urbanização e ao paisagismo no interior da vila. As ruas não foram pavimentadas, uma vez que o acesso à vila só acontece por meio de veículos de tração nas quatro rodas, e, mesmo com a chegada da energia elétrica, não foram instalados postes de iluminação pública, sendo subterrânea toda a rede de distribuição de energia.

Os municípios de Camocim e Barroquinha apresentam atrativos naturais similares aos descritos acima. Vale destacar a fragilidade de alguns destes atrativos frente ao uso turístico: as praias de Tatajuba e Maceió, ambas em Camocim, pela eminência de implantação de complexos turísticos de grande porte que podem causar impactos significativos ao meio ambiente, e a praia do Bitupitá, no município de Barroquinha, pelo acúmulo de lixo decorrente da falta de conscientização dos pescadores que, ao voltarem do mar, limpam o pescado nas areias da praia (MTur e AECI, 2004).

A Tabela I 12 apresenta os principais atrativos naturais da região, agrupados por município, juntamente com informações sobre a segmentação de mercado e sua situação quanto ao aproveitamento turístico. Vale ressaltar que a praia de Tatajuba está situada no município de Camocim, mas boa parte do fluxo turístico que para ela segue provém de Jeri.

Cabe lembrar, ainda, que a região abriga uma Unidade de Conservação de extrema relevância, tanto para a proteção dos ecossistemas quanto para a visitação turística. O recém criado Parque Nacional de Jericoacoara (PARNA JERI) abriga a maior parte dos atrativos do município de Jijoca de Jericoacoara⁷. Seu Plano de Manejo, quando elaborado, regulará o uso público de toda a área, incluindo a atividade turística. Está em discussão no Conselho Gestor do PARNA a proposta de instalação de postos de controle nos três principais acessos ao Parque, a definição de trilhas e a eventual cobrança de taxa para os turistas que desejarem visitar ou pernoitar na vila de Jeri.

Tabela I 12 — Principais atrativos naturais do litoral extremo-oeste do Ceará

Município	Atrativo	Segmentação	Situação
Barroquinha	Praia de Bitupitá	Sol & Praia	Real
	Pontal das Almas	Ecoturismo	Potencial
	Barra dos Remédios		
Camocim	Lagoa da Torta	Ecoturismo	Real
	Praia de Tatajuba	Ecoturismo	Potencial
	Estuário do Rio Coreaú - mangue		
	Ilha do Amor	Sol & Praia	Real
	Praia do Maceió		
	Praia do Farol		
	<i>Wind & Kitesurf</i>	Esporte / Aventura	Potencial
Jijoca de Jericoacoara	Pedra Furada	Sol & Praia	Real
	Serrote	Ecoturismo	Real
	Duna do Pôr do Sol	Sol & Praia Sol & Praia	Real
	Praia de Jericoacoara		Real
	<i>Wind & Kitesurf</i>	Esporte / Aventura	Real
	Lagoa do Paraíso e Lagoa Azul Lagoa das Pedras Lagoa de Jijoca	Ecoturismo Sol & Praia	Real
	Dunas	Ecoturismo	Real

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em MTur e SEBRAE, 2006.

⁷ O Parque Nacional de Jericoacoara foi criado, em 2002, a partir da recategorização parcial da Área de Proteção Ambiental de Jericoacoara, estabelecida pelo Decreto 90.379, de 29 de outubro de 1984, nos municípios de Jijoca de Jericoacoara e Cruz. Detalhes sobre o PARNA serão apresentados na Linha de Base Ambiental.

Atrativos culturais

▪ Festas populares

As manifestações culturais da região representam atrativos ainda pouco explorados pelo mercado turístico. As festas religiosas, regatas ecológicas, festivais gastronômicos, eventos esportivos, festivais de música e as tradicionais festas juninas compõem um conjunto de atividades capazes de atrair um grande número de turistas durante todo o ano. A promoção de eventos culturais tem sido uma estratégia muito utilizada pelos gestores públicos para amenizar os efeitos da sazonalidade.

Camocim parece já ter percebido a importância de se organizar um calendário de eventos. Além do Carnaval e do Camofolia, carnaval fora de época, já tradicionais na região, o município tem investido em outros eventos para atrair maior visitação. As festas religiosas garantem atrações durante o ano todo, como a de São Sebastião, São Francisco, Procissão Marítima de São Pedro, Festa de Bom Jesus dos Navegantes e o Dia de Iemanjá; os Festivais de Poetas e Repentistas; Gastronômico (Festa da Lagosta), de Música e de Quadrilhas Juninas; e as regatas ecológicas de Camocim, Tatajuba e Guriú.

Em Jeri, além dos shows de forró e MPB que embalam a noite do pequeno vilarejo e as rodas de capoeira dos finais de tarde na praia, outras atrações como Festival Junino, o Aniversário de Emancipação Política do Município e a Festa de Santa Luzia, todos realizados na sede do município, atraem turistas de regiões vizinhas, embora ainda não sejam trabalhados como produtos turísticos consolidados.

A festa de Santa Adelaide, em Barroquinha, é a principal festividade religiosa do município e atrai fiéis não só das regiões vizinhas, mas também do interior. Outra atração é a regata da canoa que reúne pescadores da região.

▪ Patrimônio edificado

O Município de Camocim é o único que possui exemplares do patrimônio histórico-cultural edificado. Seu centro histórico abriga construções do século XIX, a mais importante delas o Complexo Ferroviário (estação, casa do engenheiro, galpões para entreposto e pátio de manobras), que despertou o interesse da União pelo seu tombamento. Atualmente, é utilizado como Campus Avançado da Universidade do Vale do Acaraú (UVA). O prédio foi restaurado e reformado em 1991. O pátio de manobras encontra-se desativado, sem qualquer uso institucional. A casa do engenheiro, fechada há alguns anos, está em condições precárias de conservação, assim como as três residências contíguas a ela, ocupadas por famílias de baixa renda. O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Camocim prevê a construção de um parque urbano que integre o complexo ferroviário ao centro histórico da cidade, de modo a disponibilizar para a população uma área de lazer e eventos culturais, e promover a dinamização das atividades turísticas.

As ruínas da antiga Vila de Tatajuba, soterrada pela ação das dunas, representam um grande potencial de atratividade turística. Apesar de não serem consideradas do patrimônio histórico edificado, as ruínas estão sempre presentes nas lendas e histórias contadas aos turistas pelos moradores da vila.

▪ Artesanato

A região oferece uma variedade de produtos artesanais, que utilizam matérias-primas e técnicas diversificadas, variando de acordo com a localização das comunidades produtoras. Em Barroquinha, produzem-se peças tendo como principal matéria-prima as conchas encontradas em fartura nas praias; em Camocim, prevalece uma produção de peças de vestuário que utilizam a técnica do ponto cruz e crochê, além da pintura em tecido e das esculturas em madeira; em Jeri predomina o artesanato de crochê.

A comercialização dos produtos é feita em centros de artesanato, associações de artesãos e lojas, nas cidades e povoados. É possível encontrar, ainda, uma série de pontos de venda “informais” espalhados pela região e, ainda, vendedores ambulantes, normalmente moradores dos municípios vizinhos, que vendem sua produção de doces caseiros (cocadas, pés-de-moleque, bolos etc.) e artesanatos, diretamente para o turista.

- Gastronomia

A gastronomia da região é baseada em peixes e frutos do mar, principalmente, a lagosta e o camarão, e produtos regionais como a mandioca e o caju. Apenas em Jeri é possível encontrar pratos mais sofisticados da cozinha internacional, devido à quantidade de estrangeiros estabelecidos no vilarejo.

- Outras opções de lazer

Em nenhum dos municípios há cinemas ou teatros. Em Jericoacoara, onde a vida noturna é mais agitada, uma variedade de bares e restaurantes oferecem música ambiente ou ao vivo, prevalecendo o ritmo forró. Em Camocim, apenas no período de alta temporada há alguma oferta de lazer noturno.

Principais Produtos Comercializados

Os produtos podem combinar mais de um passeio e chegar a um dia inteiro de duração. Para conhecer todos os atrativos, o turista deve permanecer na região por, pelo menos, cinco dias. Outros produtos comercializados pelas agências são os roteiros integrados, que variam de sete a quinze dias, oferecendo atrativos de toda a Costa Norte, incluindo as regiões do Delta do Parnaíba e dos Lençóis Maranhenses (**Tabela I 13**).

Tabela I 13 – Principais produtos comercializados – Jericoacoara

Produtos / Passeios	Descrição	Tempo estimado
Lagoas de Jijoca	Só podem ser visitadas em veículos 4X4. Não existem placas indicativas para os atrativos, somente para a Lagoa Azul e o Paraíso. As agências de receptivo oferecem passeios diários.	3 h a partir da Vila de Jeri
Pedra Furada e Farol	O passeio pode ser feito por caminhada, sem necessidade de contratação de receptivo ou através de bugue disponível nas associações de buqueiros ou agências de viagens.	3 a 4 h a partir da Vila de Jeri
Praia do Preá	Pó meio de bugue disponível nas associações de buqueiros ou agências de viagens.	2 h a partir da Vila de Jeri
Passeios de bugue	Para a Praia de Tatajuba ou outras praias.	2 a 4 h a partir da Vila de Jeri
Passeios a cavalo	Transporte ideal para curtas distâncias e para quem gosta do primitivismo. É possível conhecer a Pedra Furada, o serrote, o Guriú, o mangue seco ou simplesmente galopar pela praia.	2 a 4 h a partir da Vila de Jeri
Mangue Seco	Passeio de bugue passando por dunas para conhecer o tipo de vegetação do mangue e os caranguejos. Passeio de barco para ver os cavalos marinhos, com parada no Vilarejo do Mangue Seco, comunidade tradicional de pescadores, onde é possível degustar caranguejos e ostras frescas.	4 h a partir da Vila de Jeri
Pontal das Almas (Praia do Bitupitá, Barroquinha)	Passeio em veículos 4x4 e caminhada até a divisa do Ceará e do Piauí, de onde se tem a visão do encontro dos rios com o mar, além dos peixes-boi, o túmulo da Santa Adelaide, e um vasto manguezal.	4 h a partir de Barroquinha
Delta do Rio Coreau (Camocim)	Pode ser feito um maravilhoso passeio de barco para contemplar o mangue e o encontro do rio com o mar.	4 h a partir de Camocim

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

3.1.2. Infra-estrutura e Serviços turísticos

Meios de hospedagem

A oferta hoteleira é diferenciada entre os municípios da região (Tabela I 14). Existem, ao todo, 79 estabelecimentos, que somam quase 955 Unidades Habitacionais (UHs) e 2.559 leitos. A maior parte dos hotéis e pousadas é simples, mas encontram-se estabelecimentos de categorias superiores. A oferta abrange todos os municípios, mais concentrada em Jeri, com, aproximadamente, 75% do total. Se for considerada a oferta total de UH's e leitos, este número cai para 62% e 65%, respectivamente.

Em Jeri é possível encontrar diferentes tipos de instalações, serviços, localizações e tarifas mostrando a adaptabilidade da oferta hoteleira da região aos vários tipos de turistas. Já em Camocim, a maior parte dos estabelecimentos é simples, sem grande conforto. Porém, o Hotel Boa Vista *Resort*, responsável por quase a metade da oferta de leitos, apresenta um bom padrão de instalações e serviços, servindo de opção para os turistas mais sofisticados. Existe, ainda, a possibilidade de hospedagem domiciliar na casa dos moradores dos vilarejos e povoados mais distantes da sede do município, com destaque para o projeto de turismo de base comunitária na praia de Tatajuba. Por fim, em Barroquinha, a maioria dos estabelecimentos se concentra na praia de Bitupitá, sem muitas opções para os visitantes, sendo todos muito simples.

Tabela I 14 — Oferta hoteleira.

Municípios	Estabelecimentos	UHS	Leitos
Barroquinha*	8	49	84
Camocim	13	315	819
J. de Jericoacoara	58	591	1656
Total	79	955	2559

(*) como o PDITS não apresenta dados sobre Barroquinha a tabela foi completada com dados da SETUR disponíveis em MTur e AECl, 2004.

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

A taxa de ocupação hoteleira apresenta variações significativas entre a alta e a baixa estação (Tabela I 15). Essa diferença atinge 72,3% em Jeri, sendo que a ocupação na baixa estação é de 24,3% e na alta, 96,6%. Em Camocim, a diferença é um pouco menor, 59,5%, sendo a ocupação média de 28,2% na baixa estação e 87,7%, na alta. A ocupação média de 44,1% e 49% de Camocim e Jeri, respectivamente, explica-se pela baixa temporada bastante acentuada.

Tabela I 15 — Taxa de ocupação hoteleira

Municípios	Ocupação média (%)		
	Baixa Estação	Alta Estação	Média Anual
Camocim	28,2	87,7	44,1
J. de Jericoacoara	24,3	96,6	49,0

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

O número de funcionários (Tabela I 16) também está diretamente ligado ao tamanho de cada estabelecimento. Em Camocim, empreendimentos de grande porte elevam a média de funcionários (15,2, contra 4,7 em Jeri); no entanto, a média de funcionários por UH é maior em Jeri (2,2, contra 1,6 em Camocim).

Tabela I 16 — Número de funcionários fixos

Municípios	Funcionários fixos		
	Média por estabelecimento	Média por UH	Total
Camocim	15,2	1,6	198
J. de Jericoacoara	4,7	2,2	270

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

Restaurantes

A oferta de serviços de alimentação na região atende à demanda. Segundo o levantamento realizado pelo MTur e o SEBRAE no Plano de Roteirização: Lençóis Maranhenses – Delta do Parnaíba – Jeri (MTur e SEBRAE, 2005), Barroquinha tem oito estabelecimentos, Camocim 36 e Jeri 29. O PDITS da Costa do Sol apresenta números mais baixos para Camocim (26) e Jeri (22), mas que serão utilizados como dados de referência (Tabela I 17 e Tabela I 18).

Ressalte-se que boa parte dos equipamentos de alimentação atende a uma demanda formada por turistas e habitantes locais. Em geral, a localização dos estabelecimentos dentro da cidade é o fator determinante da demanda. Restaurantes à beira-mar, por exemplo, tendem a receber fregueses tipicamente turísticos. Porém, em alguns casos, esse tipo de localização pode estar ligado à demanda de lazer dos próprios moradores locais.

Não foi encontrada informação quanto à classificação de qualidade dos estabelecimentos. Porém, sabe-se que existem serviços de alimentação de todas as classes. Em Camocim, predominam os restaurantes simples, sem sofisticação de cardápio. Nas entrevistas realizadas *in loco*, a baixa qualificação dos empregados foi apontada como um problema. Os restaurantes de Jeri merecem atenção pelo destacado padrão de qualidade, no entanto, também carecem de mão-de-obra qualificada.

Os estabelecimentos de Camocim somam uma capacidade de atendimento total de 1.664 pessoas, com uma média de 64 pessoas por restaurante. Em Jeri, a situação se repete com uma capacidade total de atendimento de 1.611 pessoas e média de 73,2 por restaurante. A maior parte dos restaurantes 83,3% e 84,7% de Camocim e Jeri, respectivamente, tem capacidade para atender a menos de 100 pessoas, simultaneamente (Tabela I - 17).

Tabela I 17 — Capacidade de atendimento em restaurantes

Municípios	Total (pessoas)	Média (pessoas)	Categorização		
			Até 50 pessoas (%)	De 51 a 100 pessoas (%)	Mais de 100 pessoas (%)
Camocim	1.664	64,0	38,9	44,4	16,7
J. de Jericoacoara	1.611	73,2	46,2	38,5	15,4

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

O setor de alimentação é um importante gerador de empregos na cadeia produtiva do turismo (Tabela I 18). Em Camocim, os estabelecimentos empregam, em média, 3,7 funcionários fixos, enquanto em Jeri esse número sobe para 5,2. Cabe ressaltar que é freqüente a contratação de funcionários temporários no período de alta temporada.

Tabela I 18 — Número de funcionários fixos

Municípios	Funcionários fixos	
	Média	Total
Camocim	3,7	95
J. de Jericoacoara	5,2	114

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Sol (Ceará), 2006.

Agências de receptivo

Os serviços formais de agenciamento receptivo para a região localizam-se, em sua maior parte, em Fortaleza. A capital cearense conta com 26 estabelecimentos desta natureza, em Jeri existem três e em Camocim apenas um (MTur e SEBRAE, 2005). Todas as agências que trabalham com receptivo situam-se no Ceará, não existindo empresas com sede fora do estado (PDITS da Costa do Sol). A comercialização dos produtos é feita por operadoras e agências dos grandes mercados emissores ou, com maior frequência, no local. O comércio local dos serviços é feito por intermédio dos meios de hospedagem ou diretamente aos consumidores.

Transporte

O acesso às sedes dos municípios é realizado pelas rodovias federais e estaduais, que ligam Fortaleza ao litoral extremo Oeste do estado ou, ainda, que ligam o Estado do Piauí à região. Da rodoviária da capital partem linhas regulares de ônibus com destino aos três municípios. Da rodoviária de Parnaíba, chega-se diretamente ao Município de Barroquinha; no entanto, para se chegar a Jericoacoara e Camocim, deve-se passar pelo Município de Chaval (MTur e SEBRAE, 2005). Também é possível chegar à região de ônibus fretado; no entanto, uma vez nas sedes municipais, só é possível ter acesso aos principais atrativos por meio de veículos com tração nas quatro rodas. Os passeios para os principais atrativos só podem ser realizados por este tipo de veículo, bugues ou a cavalo.

Há a expectativa de construção do Aeroporto de Parazinho, para atender a possíveis vôos "charters" internacionais. A iniciativa privada manifestou interesse em financiar a obra, mas ainda não se chegou a um consenso sobre sua viabilidade.

Guias

Devido às dificuldades de acesso aos principais atrativos, o trabalho dos guias é fundamental para a segurança dos turistas. O serviço é realizado, na maioria dos casos, por moradores da região que conhecem bem os caminhos por entre as dunas e praias, identificando os locais onde o mar, durante a maré alta, impede a passagem. Em Camocim, trabalham onze guias, enquanto em Jeri são 35 (MTur e SEBRAE, 2005). Em toda a região, não se encontra sequer um guia devidamente credenciado para o exercício da profissão⁸.

3.1.3. Infra-estrutura e Serviços de Apoio

Todos os municípios são atendidos por hospitais ou postos de saúde, delegacias ou postos policiais, serviço de correios e telégrafos, bancos e caixas eletrônicos e postos de abastecimento. Nos três municípios operam linhas particulares de telefone, telefones públicos e telefones celulares. Em nenhum dos municípios se encontra casa de câmbio. Cabe lembrar que esses serviços, em muitos casos, não chegam aos destinos mais distantes, estando disponíveis apenas nas sedes dos municípios. A **Tabela I 19** sintetiza essas informações⁹.

⁸ A profissão de guia de turismo é regulamentada de acordo com a Lei N° 8.623, de 28.01.1993, exigindo registro para exercício da atividade (ABGT, 2006).

⁹ Informações mais detalhadas sobre a infra-estrutura e serviços disponíveis são apresentadas na Linha de Base Socioeconomia.

Tabela I 19 — Síntese da infra-estrutura e dos serviços de apoio no litoral extremo-oeste do Ceará.

Infra-estrutura / Serviços de Apoio	Municípios		
	Barroquinha	Camocim	J. de Jericoacoara
Hospitais e/ou postos de saúde	Sim	Sim	Sim
Delegacia e/ou postos policiais	Sim	Sim	Sim
Casa de Câmbio	Não	Não	Não
Correios	Sim	Sim	Sim
Serviços de telecomunicação (telefonia, internet etc.)	-	SIM	SIM
Bancos e/ou caixas eletrônicos	Sim	Sim	Sim
Postos de abastecimento	Sim	Sim	Sim

Fonte: LIMA/COPPE/UFRRJ, 2006.

3.2. Região do Delta do Parnaíba

Esta região, no Estado do Piauí, abrange os municípios de Parnaíba, Ilha Grande, Luis Correa e Cajueiro da Praia, todos no litoral do estado. O principal atrativo da região é o Delta do Rio Parnaíba, único em mar aberto das Américas.

3.2.1. Características gerais

Histórico de desenvolvimento do turismo

O litoral piauiense, com seus 66 km de costa, é marcado por praias cercadas de dunas de areia branca e lagoas de água doce. No entanto, seu principal atrativo não são as praias, nem as dunas e lagoas, mas o delta em mar aberto, único das Américas, o Delta do Parnaíba. Visto de cima, o encontro do Rio Parnaíba com o Oceano Atlântico lembra um grande mosaico formado por mais de setenta ilhas. Embaixo, as cinco bocas do Delta — Barra do Rio Igaracu, no Piauí e Tutóia, Carrapato, Caju, Canárias, em território maranhense — formam um enorme labirinto de igarapés.

Os municípios do litoral piauiense não são homogêneos quanto ao desenvolvimento turístico. Parnaíba, por ser a segunda cidade mais importante do estado, logo após a capital, atrai turistas de todos os perfis, dos turistas de negócios aos ecoturistas, que querem conhecer as belezas da região. Luis Correia concentra um número significativo de casas de veraneio e, no período de férias, atrai visitantes de todo o estado que buscam o litoral para seu período de descanso. Ilha Grande e Cajueiro da Praia ainda não apresentam um fluxo significativo de turistas.

A demanda turística do Piauí (Tabela I 20) atingiu, em 2001, 655 mil turistas. Entre os anos de 1996 e 1998, a taxa de crescimento foi de cerca de 30%, caindo para 8% nos anos subsequentes. O fluxo internacional, em 2001, foi responsável por 0,7% do total, tendo atingido 4,5 mil turistas.

Tabela I 20 — Demanda turística do Piauí

Anos	Fluxos turísticos		
	Doméstico	Internacional	Total
1996	308.334	2.158	310.492
1997	386.789	2.708	389.497
1998	517.392	3.622	521.013
1999	553.663	3.876	557.539
2000	601.284	4.209	605.493
2001	650.393	4.553	654.946

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Delta (Piauí), 2006.

O PDITS da Costa do Delta apresenta a estimativa de fluxo turístico, com base nos meios de hospedagens dos municípios de Parnaíba, Luís Correia, Ilha Grande e Cajueiro da Praia, no período compreendido entre 1999 e 2001. Porém, a estimativa total de visitantes foi realizada apenas em Parnaíba e Luís Correia.

De acordo com a Tabela I 21, é possível observar que os municípios vêm apresentando índices crescentes de fluxo, com exceção de Luís Correia, que sofreu leve queda em 2001. Em Ilha Grande, não se dispõe de oferta hoteleira. Este município foi desmembrado de Parnaíba, tendo se emancipado em 1994.

Tabela I 21 — Fluxo de visitantes com base nos hóspedes da hotelaria

Municípios	1999		2000		2001	
	Fluxo de hóspedes na hotelaria	Fluxo de visitantes	Fluxo de hóspedes na hotelaria	Fluxo de visitantes	Fluxo de hóspedes na hotelaria	Fluxo de visitantes
Parnaíba	10.359	39.071	13.870	52.339	16.758	63.237
Luis Correia	11.809	112.574	13.205	125.882	13.022	124.137
Cajueiro da Praia	1.416	-	1.858	-	1.941	-

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Delta (Piauí), 2006.

Perfil do empreendedor

Não há informações sistematizadas sobre o perfil do empreendedor turístico da região. O PDITS da Costa do Delta apresenta os resultados de pesquisa, com aplicação de 20 questões, direcionada aos empreendedores de pequeno, médio e grande porte¹⁰, dos segmentos de hotéis e pousadas, agências de viagens, barracas de praia, bares e restaurantes. Constatou-se que entre os empresários que atuam no setor turístico é grande a participação do capital local. Quase sempre investidores de pequeno e médio porte, esses empresários organizam seus negócios em forma de empresas familiares. Mesmo quando ocupam a posição de

¹⁰ Como no caso da análise do perfil do empreendedor do Pólo Jeri, a classificação de pequeno, médio e grande porte não segue o padrão estabelecido pelo Ministério do Trabalho e Emprego e pelo SEBRAE. Para mais informações consulte o site do MTE: <http://www.mte.gov.br>.

administradores, os proprietários quase sempre carecem de capacidade para o exercício de suas atividades, até aqueles de nível superior de educação (46% dos entrevistados).

Os cursos ministrados pela EMBRATUR, voltados para o ensino da administração hoteleira, foram os mais citados como o principal instrumento de capacitação. Dentre os empresários que possuem formação de nível médio (46%), percebe-se que os cursos oferecidos pelo SEBRAE são os mais apreciados. Os proprietários e gerentes de nível primário (8%) também têm sido treinados pelos programas da referida instituição.

Perfil da mão-de-obra empregada

Segundo os resultados da pesquisa supracitada, observa-se que as empresas turísticas da região trabalham com elevado contingente de funcionários – entre 30 e 40 pessoas, entretanto, apenas 30% desses empregos são formalizadas. Os demais postos de trabalho decorrem da prestação de serviço sazonal. A maior parte dos empresários informou já ter oferecido a seus funcionários treinamento pelo SEBRAE e pelo SENAI.

A melhor qualificação dos profissionais que atendem ao turista é um desafio a ser superado. O principal problema é baixo grau de instrução dos trabalhadores. Segundo informa a PNAD-IBGE, em 1999, de todas as pessoas ocupadas nas diversas atividades turísticas no Piauí, cerca de 32% não tinham instrução ou apresentavam menos de um ano de escola. Entre os trabalhadores que cursaram de um a sete anos de escola, estavam os 48,4% dos ocupados. Desses, apenas 3,3% possuíam nível superior. As agências de viagens e o segmento de transportes são os negócios que mais absorvem profissionais qualificados (PDITS da Costa do Delta, 2004).

Sazonalidade

As características de sazonalidade dos municípios em questão são, em geral, similares. Segundo o PDITS da Costa do Delta, existem duas ocasiões de pico, concentrados no período de férias escolares. Os meses de dezembro, janeiro e julho são os de maior ocupação hoteleira, correspondendo à alta temporada. Em fevereiro, há uma ocupação mediana, o que mostra que o ritmo de queda é menor após a alta temporada de início de ano, quando comparada à queda observada em agosto. Os meses de março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro e novembro são tidos como de baixa temporada. A inexpressiva presença de turistas estrangeiros contribui para a redução da alta temporada, que normalmente se estende pelos meses de agosto e setembro.

Modalidades de turismo

Os períodos bem definidos de alta e baixa estação refletem a dinâmica do turismo na região, caracterizada pela predominância do Turismo de Segunda Residência, ou de veraneio, associado ao Turismo de Sol e Praia, principalmente em Luis Correia. O crescente interesse pelo Delta do Parnaíba estimulou a prática do Ecoturismo e do Turismo de Aventura. Recentemente, o litoral piauiense foi descoberto como um excelente lugar para a prática de esportes de vento ("*windsurf*" e "*kitesurf*"), o que tem favorecido a organização de eventos competitivos de âmbito estadual e nacional, caracterizando-se este caso como Turismo de Esportes.

O Turismo de Base Comunitária (TBC) também é praticado, mesmo que em pequena escala,. Os turistas que desejem ter maior contato com a cultura e o modo de vida das comunidades ribeirinhas do delta têm

a opção de se hospedar nas casas dos moradores na sede do município e na Ilha das Canárias, em Ilha Grande. Por ser uma das cidades mais antigas da região, Parnaíba também atrai turistas interessados em seu patrimônio histórico, caracterizando-se este caso como Turismo Cultural. O Turismo de Negócios é significativo em Parnaíba, palco de encontros e eventos diversos. De Teresina partem excursões com destino ao litoral e retorno no mesmo dia, caracterizando-se esta modalidade como Excursionismo, ou Turismo de Bate e Volta.

Perfil do turista

Não foi possível obter dados desagregados sobre o perfil dos turistas que visitam essa região. Dessa forma, apresentam-se os resultados agrupados para os quatro municípios. A demanda turística é formada, sobretudo, por turistas provenientes de curtas e médias distâncias, ou seja, de fluxo regional. A avaliação da origem da demanda turística (Tabela I 22) permite que se faça a análise dos principais emissores de turistas para a região: os estados nordestinos (64%), com destaque para o Piauí (30%). Em comparação com outras regiões turísticas, como o litoral cearense, constata-se que o Delta do Parnaíba e o litoral piauiense ainda têm um modesto poder de penetração nos mercados mais distantes. O mercado estrangeiro tem fraca ou nenhuma expressão.

Tabela I 22 — Origem da demanda

Municípios	Origem (%)				
	Piauí	Outros estados do Nordeste	Estados do Sudeste	Outros estados do Brasil	Exterior
Delta do Parnaíba e o litoral piauiense	29,6	34,4	11,2	24,0	0,7

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Delta (Piauí), 2006.

De modo geral, pode-se afirmar que a principal motivação que leva o turista à região é a perspectiva do lazer (38%), seguida de negócios (31%) e a visita a parentes e amigos (22%). O meio de hospedagem mais utilizado pelos turistas é a casa de parentes e amigos (54%). A hospedagem em hotéis representa 22% do total e, em pousadas, 9%. No litoral, é bastante expressiva a utilização de imóveis próprios (13%). O alto índice de utilização de residências próprias ou de parentes e amigos (67%) como meio de hospedagem caracteriza uma destinação turística ligada ao veraneio ou Turismo de Segunda Residência (PDITS da Costa do Delta, 2004). Quanto ao tipo de organização das viagens, apenas cerca de 4% dos turistas contratam agências de turismo. A maioria (96%) prefere viajar por conta própria.

Fluxo turístico regional

Como o maior fluxo de turistas é regional, as rodovias são muito utilizadas. A rodovia federal BR-343, pavimentada, é um importante eixo de deslocamento em direção a Parnaíba. Essa rodovia possibilita o acesso aos municípios da região, por sua ligação com as rodovias estaduais, também pavimentadas. Os turistas provenientes de lugares mais distantes utilizam, na maioria dos casos, o aeroporto de Teresina como principal porta de entrada, seguindo por terra para Parnaíba. O recém reformado aeroporto de Parnaíba é uma alternativa para encurtar as distâncias de acesso, mas ainda enfrenta dificuldades operacionais para receber vôos internacionais e de outras regiões do País. Também, é possível identificar um fluxo turístico vindo dos estados vizinhos, uma tendência crescente diante da perspectiva de integração turística dos três estados.

3.2.2. Recursos e Atrativos de Base

Atrativos naturais

O litoral oferece ao turista uma gama de atrativos de rara beleza, unindo diversos tipos de elementos (praias, lagoas, dunas, rios e igarapés). O conjunto é de fácil complementaridade, podendo os visitantes fazer uma ou várias visitas por dia. As pequenas distâncias facilitam a locomoção do turista e a diversidade de paisagens torna o local ainda mais atraente.

O Estado do Piauí conta com treze praias, algumas delas conhecidas pelos nomes de seus diversos trechos, sendo que constituídas por uma única faixa contínua de areia. É um belo conjunto, com destaque para as praias de Macapá, Pedra do Sal e Coqueiros. As pequenas distâncias que as separam as tornam ainda mais atraentes. São, ao todo, 66 km de praias e a locomoção dos turistas de um extremo ao outro do litoral faz-se de maneira rápida e fácil.

As praias mais visitadas, como a Pedra do Sal, Atalaia e Coqueiros, apresentam melhor infra-estrutura receptiva, formada por inúmeras barracas nas praias. Porém, a qualidade das instalações e dos serviços prestados nem sempre são satisfatórios. São, em geral, barracas muito simples e com instalações precárias, em termos tanto de conforto como em condições sanitárias. Atualmente, essas praias estão passando por obras de urbanização e as barracas substituídas por quiosques mais bem equipados.

A região conta com cinco lagoas, que podem ser consideradas como atrativos turísticos, com destaque para a lagoa do Portinho, excelente opção de visita. O acesso a todas elas pode ser feito de carro por estradas ou ruas asfaltadas em boas condições de tráfego.

O litoral piauiense é bastante marcado pela presença de dunas, principalmente na área litorânea do município de Luís Correia e da Ilha Grande. São vastas extensões de grande potencial de atratividade turística. Em uns poucos lugares, as dunas são tidas como pontos de visitação. A exploração comercial é pequena, não existindo bugues de aluguel ou mesmo passeios a outros locais de interesse fora da área do delta.

O conjunto do Rio Parnaíba e seus canais formam um atrativo de grande significado. Único delta em mar aberto das Américas, o Delta do Parnaíba é atrativo singular em todo o litoral brasileiro. Passeios podem ser feitos de barco ou canoas, constando da travessia de grandes e pequenos canais, visitas a praias, dunas, mangues e outros pontos de interesse.

A **Tabela I 23** apresenta os principais atrativos naturais da região, agrupados por município, juntamente com informações sobre a segmentação de mercado e sua situação quanto ao aproveitamento turístico.

Cabe lembrar, ainda, a existência de duas Unidades de Conservação de extrema relevância, tanto pela proteção dos ecossistemas quanto pela visitação turística. A APA do Delta do Parnaíba, criada em 1996, e a Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba, criada em 1990, abrangem toda a região. Qualquer atividade realizada no interior desses espaços deve respeitar as normas estabelecidas na legislação pertinente. Atualmente, a falta de estrutura de fiscalização e controle não favorece a preservação dessas áreas, cada vez mais pressionadas pelas ações antrópicas.

Tabela I 23 — Principais atrativos naturais do Litoral Piauiense e Delta do Parnaíba

Município	Atrativo	Segmentação	Situação
Ilha Grande	Delta do Parnaíba	Ecoturismo	Real
	Catador de caranguejo	Ecoturismo	Potencial
	Dunas	Ecoturismo	Real
Parnaíba	Praia Pedra do Sal	Sol & Praia	Real
Luis Correia	Lagoa do Portinho – windsurf & kitesurf	Esportivo	Real
	Praia de Atalaia	Sol & Praia	<u>Real</u>
	Praia do Coqueiro		
	Praia do Macapá		
Cajueiro da Praia	Projeto Peixe Boi	Ecoturismo	Potencial
	Praia da Barra Grande	Sol & Praia	Real

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em MTur e SEBRAE, 2006.

Atrativos culturais

▪ Festas populares

As manifestações culturais têm grande potencial de atratividade no mercado turístico regional. Festas religiosas, festivais gastronômicos, eventos esportivos, festivais de música e as tradicionais festas juninas compõem um conjunto capaz de atrair um grande número de turistas durante todo o ano. A estratégia do Governo do Piauí na promoção desses eventos é a de amenizar os impactos negativos da sazonalidade da atividade turística.

Parnaíba concentra o maior número de eventos culturais, reunindo atrações para diferentes públicos. Além do pré-carnaval, do Carnaval e do “Parnafolia”, carnaval fora de época, os festivais de *rock* e de poesia têm espaço garantido na programação do município. Nos demais municípios, os feriados são acompanhados de eventos para o entretenimento dos visitantes. As festas juninas são frequentes em toda a região.

▪ Patrimônio edificado

O Município de Parnaíba é o único que possui edificações do patrimônio histórico-cultural. Por seus casarões datados do Século XVIII e construções mais recentes, do início do século XX, Parnaíba oferece algumas opções para os turistas interessados em conhecer um pouco mais da história da ocupação da região. Destacam-se como principais edifícios históricos da cidade a Casa Grande da Parnaíba, a Santa Casa, o Porto das Barcas, a Igreja de Nossa Senhora da Graça, a Igreja de São Sebastião, o Velho Sobradão, o Sobrado de D. Auta, o Casarão do comerciante inglês Paulo Single Hirst e a União Caixeiral.

▪ Artesanato

A região oferece uma grande variedade de produtos artesanais, que utilizam matérias-primas e técnicas diversificadas de acordo com a localização das comunidades onde são manufaturados. Em Ilha Grande, por exemplo, utilizando a palha e o talo da carnaúba, os artesãos fazem bolsas, cestas e cestos,

vassouras, espanadores, esteiras, entre outros produtos. Os municípios têm tradição na confecção de produtos com técnicas de crochê, bordado em cruz e renda de bilro. Em Cajueiro da Praia, a cerâmica e a pintura em tecidos também compõem o repertório dos artesãos locais (MTur e SEBRAE, 2005).

A comercialização dos produtos é feita em centros de artesanato, associações de artesãos e lojas, nas cidades e povoados. Merece destaque o complexo do Porto das Barcas, em Parnaíba, que concentra grande quantidade de lojas de artesanato. Há uma série de pontos "informais" de venda espalhados pela região na beira das estradas e, ainda, vendedores ambulantes que oferecem sua produção artesanal diretamente aos turistas.

- Gastronomia

A gastronomia da região é baseada em peixes e frutos do mar, principalmente o camarão e o caranguejo, e produtos regionais, como a mandioca e o caju. A cajuina, bebida a base de caju, é típica do Piauí.

- Outras opções de lazer

Apenas em Parnaíba há cinemas e teatros. A vida noturna da cidade é a mais agitada da região, encontrando-se uma variedade de bares e restaurantes com música ambiente ou ao vivo. Em Luis Correia, principalmente na alta temporada, há alguma oferta de lazer noturno.

Principais Produtos Comercializados

Os produtos turísticos podem ser comercializados de forma combinada pelas agências locais, de forma a garantir um melhor aproveitamento pelo turista do tempo disponível. Para que o visitante possa conhecer todos os atrativos, recomenda-se uma permanência na região de, pelo menos, três dias. Os roteiros integrados também são comercializados e variam de sete a quinze dias, incluindo os principais atrativos de toda a Costa Norte (Tabela I24).

Tabela I 24 – Principais produtos comercializados – Delta do Parnaíba

Produtos / Passeios	Descrição	Tempo estimado
Delta do Parnaíba	Saídas diárias, no Porto dos Tatus – Ilha Grande. Passeio pelo Rio Parnaíba, sua principal foz, igarapés, dunas e povoados ribeirinhos, com paradas para banho e caminhadas. Durante o passeio é possível a observação da fauna local. O passeio pode ser feito em lanchas rápidas, ou em barcos de até 90 passageiros.	4 h a partir de Parnaíba
Ilha do Caju	Cinco ecossistemas completos integram a ecologia da ilha: mangues, dunas, matas, campos e alagados de água salgada. Tal variedade faz dela não apenas um paraíso do turismo ecológico e de aventura, mas também um lugar privilegiado para se conhecer, numa área relativamente pequena. Os passeios no interior da Ilha são feitos por jipes, tratores, cavalos ou jardineira, com a presença de guias nativos recrutados entre os próprios ilhéus, que conhecem cada detalhe do lugar.	6 h a partir de Parnaíba
Ilha das Canárias	Passeio pela segunda maior ilha do Delta, com aproximadamente 32 km ² . A Ilha das Canárias é parte de uma Área de Proteção Ambiental na divisa dos Estados do Maranhão e Piauí, na qual se pode ter contato com os habitantes, que vivem basicamente da pesca artesanal e cultivo de arroz.	4 h a partir de Parnaíba
Ilha Grande	Visita à praia da Pedra do Sal, dunas, Lagoa do Siribal e Associação das Rendeiras.	4 h a partir de Parnaíba
Luis Correia	Passeio pelas praias de Atalaia, Peito de Moça, Coqueiro, dunas e Lagoa do Portinho.	4 h a partir do centro de Luis Correia
Macapá (município de Luis Correia)	Passeio pelas praias do Arrombado, Carnaubinhas, Maramar, Macapá, dunas e Lagoa do Sobradinho.	4 h a partir do centro de Luis Correia
Cajueiro da Praia	Passeio pelas praias de Barra Grande, Barrinha, Morro Branco, Cajueiro, Itan e Lagoa do Camelo.	4 h a partir do centro de Luis Correia
Parnaíba	Passeio pelo Porto das Barcas, Igrejas de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Graças e pela Lagoa e Parque do Bebedouro.	4 h a partir do centro de Luis Correia

Fonte: LIMA/COPPE/UFRRJ, 2006.

3.2.3. Infra-estrutura e Serviços turísticos

Meios de hospedagem

A oferta hoteleira é diferente em cada municípios (Tabela I 25). Existem, ao todo, dezoito estabelecimentos, somando quase 507 Unidades Habitacionais (UHs) e 1.184 leitos. A maior parte dos hotéis e pousadas é simples, mas existem estabelecimentos de categorias superiores. A oferta abrange os municípios de Parnaíba, Luis Correia e Cajueiro da Praia, mais concentrada, porém, em Parnaíba, onde corresponde a 40% do total. Quando se considera a oferta total de UH's e leitos, este número sobe para 57% e 58%, respectivamente. Segundo o PDTIS da Costa do Delta, em Ilha Grande não há oferta de meios de hospedagem.

Segundo critérios de qualidade das instalações e dos serviços¹¹, pode-se dizer que, em Parnaíba, dos sete hotéis em funcionamento, quatro são classificados como simples e três como turísticos. Dos sete hotéis de

¹¹ O padrão adotado para classificar, segundo a qualidade de suas instalações e serviços, considera aqueles hotéis antigamente classificados com quatro estrelas, como de luxo, os hotéis três estrelas, como turísticos e os demais, como simples.

Luis Correia, um é de luxo, dois são turísticos e quatro, simples; os quatro hotéis de Cajueiro da Praia estão classificados como simples (PDITS da Costa do Delta).

Um levantamento mais recente feito pelo MTur e a SEBRAE (2005), aponta números mais expressivos em todos os municípios, com exceção de Ilha Grande, que continua sem nenhum hotel. Assim, existiriam, ao todo, 44 estabelecimentos, que somam quase 898 UHs e 2.548 leitos. Considerando-se esses números, Parnaíba ganha importância ainda maior no cenário regional. O número de estabelecimentos no município corresponderia a 57% do total. Tendo em vista a oferta total, este número passa para 58% de UH's e 55% de leitos.

Tabela I 25 — Oferta hoteleira no Litoral Piauiense e Delta do Parnaíba

Municípios	Nº de estabelecimentos	UHs	Leitos
Parnaíba	7	287	685
Luis Correia	7	186	450
Cajueiro da Praia	4	34	49
Total	18	507	1.184

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Delta (Piauí), 2006.

Tendo como referência os dados do PDITS da Costa do Delta, a taxa de ocupação hoteleira apresenta variação significativa entre a alta e a baixa estação (**Tabela I 26**). Essa diferença atinge 95% em Cajueiro da Praia, sendo que a ocupação na baixa estação é de 5% e, na alta, 100%. Em Luis Correia, a diferença é um pouco menor, 78%, sendo a ocupação média na baixa estação de 20% e 98% na alta. Em Parnaíba, onde a diferença é a menor da região, 72%, a ocupação média na baixa estação é de 25% e 97% na alta estação.

Tabela I 26 — Taxa de ocupação hoteleira

Municípios	Ocupação média (%)	
	Baixa Estação	Alta Estação
Parnaíba	25	97
Luis Correia	20	98
Cajueiro da Praia	100	5

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Delta (Piauí), 2006.

O município de Luís Correia apresenta uma grande concentração de residências secundárias. Estas podem ser encontradas em concentração razoável, também, no município de Cajueiro da Praia. A localização das residências secundárias em Luís Correia e Cajueiro da Praia privilegia a proximidade da praia, estendendo-se por toda a faixa litorânea. A maior concentração acha-se no trecho litorâneo entre as praias de Atalaia e Coqueiro.

Restaurantes

A oferta de serviços de alimentação na região atende à demanda atual. Segundo o levantamento realizado pelo MTur e o SEBRAE (2005), há oito estabelecimentos em Ilha Grande e trinta em Parnaíba. O PDTIS da Costa do Delta apresenta um número diferente para Parnaíba (dez). Luis Correia e Cajueiro da Praia, que não constam no levantamento do MTur e SEBRAE, aparecem tendo oito e três restaurantes, respectivamente. Ilha Grande não é citado no PDTIS da Costa do Delta.

Não se conhece a classificação da qualidade dos estabelecimentos. A percepção da equipe durante a visita de campo foi de que a maior parte dos restaurantes é bastante simples, porém agradáveis e receptivos. Alguns restaurantes contam com fama local, como o do Dedé e o da Dona Maria, mas, mesmo estes estabelecimentos não são luxuosos ou requintados. As barracas de praia são, em sua maioria, bastante simples. O serviço é, em geral, feito por pessoas sem qualificação profissional e as condições de higiene não são boas.

Os estabelecimentos de Parnaíba têm, em média, capacidade para atender simultaneamente a 148 pessoas. Em Luis Correia, a capacidade média de atendimento é de 161 pessoas e, em Cajueiro da Praia, o número cai para 73 pessoas, prevalecendo restaurantes de menor porte (Tabela I 27).

Tabela I 27 — Capacidade de atendimento

Municípios	Média (pessoas)	Categorização		
		Até 60 pessoas (%)	De 61 a 150 pessoas (%)	Mais de 150 pessoas (%)
Parnaíba	148	33	25	42
Luis Correia	161	27	36	36
Cajueiro da Praia	73	57	14	29

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS da Costa do Delta (Piauí), 2006.

Agências de receptivo

As agências que atuam na região concentram-se em Parnaíba, somando dez estabelecimentos (MTur e SEBRAE, 2005). Além da comercialização de pacotes para as praias e lagoas da região litorânea piauiense, essas agências oferecem roteiros para o Parque Nacional de Sete Cidades (PI), Jericoacoara (CE), Tutóia e Lençóis Maranhenses (MA). A comercialização dos pacotes é feita, na maior parte das vezes, por meio do contato direto entre a agência e o turista, sem intermediários. Alguns grupos negociam com agências de viagens intermediárias, porém essas negociações não são constantes ou regulares. Em alguns casos, o contato entre agência e turista é feito previamente, via telefone ou Internet.

Transporte

O acesso às sedes dos municípios é realizado pelas rodovias federais e estaduais, todas pavimentadas, que ligam Teresina a Parnaíba e aos municípios do litoral do estado. Da rodoviária da capital e de Fortaleza (CE) partem linhas regulares de ônibus com destino a Parnaíba e Luis Correia. O acesso aos demais municípios da região pode ser feito em transportes coletivos partindo de Parnaíba ou Luis Correia. No aeroporto de Parnaíba, operam vôos regionais. Para os passeios no Delta, utiliza-se o Porto dos Tatus, em Ilha Grande, em barcos para até noventa passageiros ou em lanchas menores que comportam até doze passageiros.

Guias

Devido às dificuldades de transitar pelos rios e igarapés do Delta do Parnaíba, o trabalho dos guias é fundamental para a segurança dos turistas. O serviço é realizado, na maioria dos casos, por moradores da região. Em Parnaíba trabalham vinte guias, sendo apenas um credenciado para o exercício da atividade. Em Ilha Grande atuam oito guias e, em Cajueiro da Praia, dezessete.

3.2.4. Infra-estrutura e Serviços de Apoio

Todos os municípios são atendidos por hospitais ou postos de saúde, delegacias ou postos policiais, serviço de correios e telégrafos, bancos e caixas eletrônicos e postos de abastecimento. Nos quatro municípios operam linhas de telefone particulares, telefones públicos e telefones celulares, mas em Cajueiro da Praia e Ilha Grande não há informação sobre disponibilidade de serviços de internet (*cybercafes*). Em nenhum dos municípios, funcionam casas de câmbio. Cabe lembrar que esses serviços, em muitos casos, não chegam às localidades mais distantes, estando disponíveis apenas nas sedes dos municípios. A **Tabela I 28** sintetiza essas informações.

Tabela I 28 — Síntese da infra-estrutura e dos serviços no Delta do Parnaíba e o Litoral Piauiense

Infra-estrutura / Serviços de Apoio	Municípios			
	Parnaíba	Luis Correia	Cajueiro da Praia	Ilha Grande
Hospitais e/ou postos de saúde	Sim	Sim	Sim	Sim
Delegacias e/ou postos policiais	Sim	Sim	Sim	Sim
Casas de Câmbio	Não	Não	Não	Não
Correios	Sim	Sim	Sim	Sim
Serviços de telecomunicação (telefonia, internet etc.)	Sim	Sim	-	-
Bancos e/ou caixas eletrônicos	Sim	Sim	Sim	Sim
Postos de abastecimento	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaboração LIMA/COPPE/UFRJ, 2006.

3.3. Região dos Lençóis Maranhenses

Esta região abrange os municípios de Barreirinhas, Paulino Neves, Tutóia, Araiões e Água Doce do Maranhão, todos no litoral leste do Estado do Maranhão. Reúne dois atrativos de grande potencial para o desenvolvimento do turismo, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (Barreirinhas e Tutóia) e o Delta do Parnaíba, conhecido no estado como Delta das Américas.

3.3.1. Características gerais

Histórico de desenvolvimento do turismo

Ao longo da costa maranhense, de sua capital até a divisa com o Piauí, há um território contínuo onde se encontra uma grande variedade de recursos turísticos de grande potencial, tendo como ícone o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Presença obrigatória em todos os roteiros, o Parque é considerado um dos locais de maior e mais impressionante beleza cênica do Brasil, por suas inúmeras lagoas cristalinas e dunas brancas.

Segundo a EMBRATUR (2006), o Maranhão não figura, entretanto, entre os principais destinos turísticos do Brasil nem da Região Nordeste. A capital São Luís e seu entorno, abrangendo os municípios de Alcântara, Paço de Lumiar, São José do Ribamar, Barreirinha, Paulino Neves, Tutóia e Araiões, receberam, em 2002, 568.812 turistas. Destes, pouco mais de 3% eram estrangeiros (SEPLAN – MA, 2000).

O interesse pela região é recente e está em franco crescimento, concentrando-se basicamente em Barreirinhas, onde há um princípio de desenvolvimento turístico, mas ainda com espaço para a consolidação de novos núcleos de apoio à atividade. A recente construção da rodovia BR-402, ligando São Luís a Barreirinhas, contribuiu significativamente para o aumento da atividade turística.

A análise da evolução dos fluxos turísticos (**Tabela I 29**) confirma a primazia de Barreirinhas como principal destino da região dos Lençóis Maranhenses. O número de turistas vem crescendo, desde 1999, passando de 5.290 para 16.559, no ano de 2002, um aumento de mais de 213%. Tutóia, Araiões e Paulino Neves também vivenciaram um grande crescimento do turismo no mesmo período, passando de 2.901, 1.946 e 580 turistas, em 1999, para 5.600, 3.755 e 1.121, em 2002, respectivamente. Todos registraram aumento superior a 140% no fluxo de visitação. Não foi possível obter dados referentes à evolução do turismo em Água Doce do Maranhão.

Tabela I 29 – Evolução da demanda turística

Municípios	1999	2000	2001	2002
Barreirinhas	5.290	6.537	11.861	16.559
Paulino Neves	580	715	1.121	1.395
Tutóia	2.901	3.585	5.600	7.241
Araiões	1.946	2.402	3.755	4.697

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS do Pólo São Luís e entorno, 2006.

Perfil do empreendedor

A dificuldade de encontrar informações desagregadas sobre o perfil do empreendedor turístico dos municípios em questão, levou a análise a se restringir a Barreirinhas. De acordo com pesquisa recente¹², aproximadamente, 36% dos empreendimentos turísticos pertencem ao setor hoteleiro, o que inclui hotéis, pequenas e médias pousadas e *resorts*. Em seguida, estão os empreendimentos comerciais e lojas de artesanato, principalmente, por exigirem menor volume de investimento. O setor de alimentação representa 13% dos empreendimentos da cidade, excluídos os restaurantes dos hotéis e pousadas. O restante é composto por empresas e cooperativas de transporte, sorveterias, pizzarias etc.

De acordo com a classificação de empresas do Ministério do Trabalho e Emprego e do SEBRAE, que se baseia no número de pessoas empregadas, a maioria dos empreendimentos em Barreirinhas classifica-se como microempresa (em torno de 84%). Estes empreendimentos apresentam características comuns, como o envolvimento dos proprietários e membros da família; utilização de mão-de-obra de baixo grau de qualificação; pouco intensivas em capital ??; baixo investimento em novas tecnologias; e dificuldades de acesso a crédito. Entretanto, não foi encontrado nenhum empreendedor minimamente capacitado

A maioria dos empreendedores de Barreirinhas pertence à comunidade local (54%), mas se enquadram como micro e pequenos empreendimentos, geralmente familiares, sem grandes estruturas. Aproximadamente 27% são de outros estados, a exemplo dos proprietários das agências de turismo, vindos, principalmente, de São Paulo. Em torno de 18% das empresas da cidade são de iniciativa de empresários de outros municípios do Maranhão, com destaque para São Luís. São poucos os empreendimentos de estrangeiros na região.

Apesar do crescimento do turismo, nos últimos anos, a citada pesquisa revelou a falência de um grande número de empresas. Segundo o SEBRAE, os principais motivos são problemas financeiros e fiscais, falta de crédito, de capital de giro e de capacitação dos empresários. A sazonalidade é uma característica da atividade turística com influência direta nessa questão, ao contribuir para o encerramento de empresas de pequeno porte que não tenham condições de suportar os custos operacionais durante a baixa temporada.

Uma outra questão problemática é a informalidade, principalmente entre as microempresas, pois estas representam uma alternativa de ocupação para uma parcela pouco qualificada da população. Estes indivíduos não têm condições de estabelecer e gerir seu próprio negócio de maneira formal, enfrentar a alta carga tributária e a falta de crédito, além de desconhecerem a legislação e as exigências de legalização de uma empresa. Aproximadamente, 49% das empresas do setor turístico de Barreirinhas são informais, com destaque para os ramos de alimentação e artesanato.

Perfil da mão-de-obra em Perfil da mão-de-obra empregada

A pesquisa mencionada revela dados sobre o perfil da mão-de-obra no Município de Barreirinhas. As empresas de hospedagem, junto com as empresas e cooperativas de transportes, são as responsáveis pela geração do maior número de empregos permanentes. Os restaurantes e as agências de turismo são os que mais geram empregos temporários, devido à grande influência da sazonalidade.

¹² Consta da dissertação de mestrado de Polyana Coimbra Rocha, intitulada "*Empreendedorismo turístico: uma alternativa no processo de desenvolvimento da cidade de Barreirinhas-MA*", defendida em 2005 na Universidade Federal do Maranhão, um estudo detalhado do perfil empreendedor que atua no município.

Um problema, ligado ao alto grau de informalidade no setor, é a falta de assinatura das carteiras de trabalho, o que garantiria os direitos trabalhistas e previdenciários dos empregados. A maior parte dos empreendimentos turísticos não formaliza o vínculo empregatício com seus funcionários, comprometendo ainda mais a qualidade de vida da população.

A falta de capacidade da mão-de-obra para atividades ligadas ao turismo foi um item frequentemente abordado nos documentos analisados; a necessidade de resolver este problema é consenso das comunidades, dos empresários e do setor público em todos os municípios e entre (PDITS, s/d; Plano Maior, 2004; MTur e AECI (MA), 2004; ROCHA, 2005).

Sazonalidade

O município de maior atratividade turística (Barreirinhas) apresenta, em média, quatro meses de alta temporada vinculados às férias escolares, enquanto que nos demais municípios o mesmo período se resume aos finais de semana e feriados, ao longo do ano. A inexpressiva presença de turistas estrangeiros contribui para a pouca duração da alta temporada.

Modalidades de turismo

A região oferece condições propícias para o desenvolvimento do turismo, tendo como principal recurso a natureza. Pode-se identificar o Ecoturismo e o Turismo de Sol e Praia como as modalidades mais praticadas. A proximidade de Barreirinhas a São Luís, cerca de 250 km de rodovia pavimentada em boas condições de uso, favorece o crescimento do Turismo de Segunda Residência e o Excursionismo, ou "Turismo de Bate e Volta". Os atrativos culturais não chegam a configurar uma demanda por Turismo Cultural, mas contribuem, agregando valor aos produtos turísticos na natureza. O Turismo de Base Comunitária (TBC) é também praticado, embora em pequena escala. Os turistas que desejam maior contato com a cultura e o modo de vida das comunidades tradicionais que moram no interior do Parque dos Lençóis podem se hospedar nas casas dos moradores dos povoados Queimada do Britos, Baixa Grande e Travosa, no Município de Santo Amaro do Maranhão. Com a melhoria do acesso à região, há risco de intensificação da prática do Excursionismo em Santo Amaro. O Turismo de Aventura é pouco praticado, mas oferece grande potencial de crescimento.

Perfil do turista

Não foi possível obter dados sobre o perfil dos turistas, para todos os municípios. Outra pesquisa (SEDETUR, 2005)¹³, permitiu uma análise dos principais emissores de turistas (Tabela I 30). A demanda turística de Barreirinhas é formada, principalmente, por turistas provenientes do próprio Estado do Maranhão, o que caracteriza um fluxo regional. Vale destacar, no entanto, a importância do mercado emissor formado pelos estados do Sudeste, responsáveis por 26% do fluxo turístico, superando os estados nordestinos (19%). O mercado estrangeiro tem pouca expressão.

¹³ A pesquisa do Perfil do Turista de Barreirinhas foi realizada pela Secretaria de Estado Extraordinária para o Desenvolvimento do Turismo do Maranhão (SEDETUR), em 2005.

Tabela I 30 — Origem dos turistas.

Municípios	Origem (%)				
	Maranhão	Outros estados do Nordeste	Estados do Sudeste	Outros estados do Brasil	Exterior
Barreirinhas	30,0	19,3	26,5	16,8	7,4

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em SEDETUR, 2006.

De modo geral, pode-se afirmar que a principal motivação da o turista é a perspectiva do lazer (93%). Entre os que escolheram esta opção, o fator determinante da visita foram os atrativos naturais e o Ecoturismo (96%), sendo o PNLM o atrativo mais citado (95%) pelos entrevistados. O Delta aparece em apenas 1,5% das respostas. Os meios de hospedagem mais utilizados foram os hotéis e as pousadas (82%). Quanto ao tipo de organização das viagens, 29% dos turistas contratam agências, mas a maioria (71%) preferiu viajar por conta própria.

Fluxo turístico regional

Os turistas provenientes de lugares mais distantes passam, em sua maioria, pelo aeroporto de São Luis e, da capital do estado seguem, por terra, até o destino desejado. Há um pequeno fluxo turístico que vem de cidades do Piau e ainda, os que optam pelo roteiro integrado *Lençóis Maranhenses – Delta do Parnaíba – Jericoacoara*, oferecido pelas agências de receptivo, que percorre toda a área em veículos com tração nas quatro rodas.

3.3.2. Recursos e Atrativos de Base

Atrativos naturais

Os atrativos naturais são o ponto forte da região. As paisagens ligadas ao Parque dos Lençóis e ao Delta do Parnaíba são fatores de indiscutível diferenciação mercadológica. As dunas, lagoas, rios e mangues compõem um cenário de beleza singular, mas que inspira cuidados devido à fragilidade de seus ecossistemas.

Cabe lembrar que os dois principais atrativos naturais estão situados em UC de extrema relevância, tanto para a proteção dos ecossistemas, quanto pela visita turística. O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, criado em 1981, abrange três municípios: Primeira Cruz, Santo Amaro e Barreirinhas; apenas o último é alvo direto do presente estudo.

Os municípios de Tutóia, Araióses e Água Doce do Maranhão estão sob a influência direta da APA do Delta do Parnaíba. Logo, todas as atividades relacionadas ao uso dos espaços fluviais ou terrestres da região precisam estar de acordo com as normas estabelecidas no zoneamento da UC.

Os demais atrativos naturais da região contribuem para a diversificação dos passeios, agregando valor a todo o destino. A **Tabela I 31** apresenta os principais atrativos naturais, agrupados por município, juntamente com informações sobre a segmentação de mercado e sua situação quanto ao aproveitamento turístico.

Tabela I 31 — Principais atrativos naturais da região dos Lençóis Maranhenses e Delta do Parnaíba

Município	Atrativo	Segmentação	Situação
Barreirinhas	Lençóis Maranhenses	Ecoturismo	Real
	Rio Cardoso		
	Rio Preguiça		
	Farol de Mandacaru		
	Caburé		
Paulino Neves	Atins	Ecoturismo	Real
	Duna do Medanha		
	Pequenos Lençóis	Ecoturismo	Potencial
	Lago da Taboa		
	Rio Tatu	Sol & Praia	Real
	Praias	Aventura / Esportes	Potencial
<i>Wind & Kitesurf, em Caburé</i>			
Tutóia	Delta do Parnaíba	Ecoturismo	Potencial
	Praia do Amor - Naturismo	Sol & Praia	Real
	Praias		
Araioses	Delta do Parnaíba	Ecoturismo	Potencial
	Povoado de Carnaubearas (Caranguejo)		
	Ilha das Canárias	Ecoturismo	Real
Água Doce do Maranhão	Delta do Parnaíba	Ecoturismo	Potencial

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em MTur e SEBRAE, 2006.

Atrativos culturais

▪ Festas populares

O Maranhão possui um rico patrimônio cultural, como os festejos religiosos e profanos. São formas de expressão derivadas de sua formação étnica, originada da miscigenação do europeu com o africano e o índio, o que gerou valores culturais marcados por características próprias. Esses elementos culturais refletem a identidade do Maranhão e ajudam a compor a imagem do seu povo e do destino turístico. Festividades como o Bumba-meu-Boi, a Dança do Carço e os Cultos Afro-Brasileiros (Tambor de Mina) são típicos da região.

▪ Artesanato

A região oferece uma variedade de produtos artesanais que utilizam matéria-prima regional, principalmente a folha de buriti, a carnaúba e o tucum. São confeccionados objetos dos mais variados, como cestas, chapéus, toalhas, bolsas, sacolas, roupas, redes e adornos. A comercialização dos produtos é feita em centros de artesanato, associações de artesãos e lojas, nas cidades e povoados. É possível encontrar, ainda, uma série de pontos informais de venda e vendedores ambulantes que oferecem sua produção artesanal diretamente ao turista.

▪ Gastronomia

A culinária maranhense é rica em sabores variados, destacando-se o cuxá, preparado à base de folha da vinagreira (planta nativa), acrescida de gergelim, farinha seca e camarão. Serve-se com arroz

branco, peixe frito ou torta de camarão. Os frutos do mar também compõem a base da variedade de pratos típicos: caldeirada e torta de camarão, fritada de mariscos e peixadas. As frutas típicas da região — murici, juçara (açai), bacuri, cajazinho, cupuaçu, tamarindo, abricó, buriti, caju, jacama (graviola), sapoti, jenipapo e serigüela — são utilizadas, principalmente, no preparo de doces em compota ou cristalizados, geléias, cremes, sucos e sovertes. Entre as bebidas, além dos licores das frutas regionais, as cachaças catuaba e tiquira (aguardente de mandioca) são as mais tradicionais.

- Outras opções de lazer

Em nenhum dos municípios há cinemas ou teatros. A vida noturna da cidade de Barreirinhas é a mais agitada da região, mas oferece poucas opções em termos de bares e restaurantes. Durante a alta temporada, há alguma oportunidade de lazer noturno nos demais municípios.

Principais Produtos Comercializados

Os passeios levam, em média, de meio dia a um dia inteiro para serem realizados. Para que o visitante possa conhecer todos os atrativos, as agências de receptivo recomendam a permanência na região por, pelo menos, cinco dias. Também são comercializados roteiros integrados, que variam de sete a quinze dias, e incluem os principais atrativos da Costa Norte (Tabela I 32).

Tabela I 32 — Principais produtos comercializados – Lençóis Maranhenses.

Produtos / Passeios	Descrição	Tempo estimado
Lagoa Azul e Lagoa do Peixe (PNLM)	Deslocamento em veículos 4x4 pela trilha (40 minutos) até o campo de dunas. Percurso a pé até a Lagoa Azul. Para a Lagoa do Peixe, mais uma caminhada de 25 minutos, sempre acompanhada por condutores locais. O passeio pode ser agendado nos receptivos locais, combinado com os gerentes dos hotéis e pousadas, ou com os próprios toiteiros, na rua principal de Barreirinhas.	4 h a partir de Barreirinhas
Sobrevôo do PNLM	Parte diariamente de Barreirinhas, com duração de 30 minutos.	1 h e 30 min. a partir de Barreirinhas
Lagoa Bonita (PNLM)	14 km de trilha de carro, passando pelo povoado de Continho. Chegada na Lagoa, visita ao local e almoço em restaurante próximo.	4 h a partir de Barreirinhas
Rio Preguiça	De lancha rápida até a foz do Rio Preguiça, passando pela região dos Pequenos Lençóis. Visita ao Farol de Mandacaru, com subida e vista da barra do Rio e área dos Grandes Lençóis. Almoço em Caburé e possibilidade de ir até a praia de mar.	5 h a partir de Barreirinhas
Santo Amaro	Visita à localidade e a Lagoa da Gaivota, situadas em outra região do Parque.	8 h a partir de Barreirinhas
Atins – Poço das Pedras	Saída de Barreirinhas pelo Rio Preguiça até o canto de Atins. Segue caminhando entre dunas e igarapés até o Poço das Pedras.	4 h a partir de Barreirinhas
Flutuação no Rio Cardoas	Braço do Rio Preguiça de águas transparentes com baixa correnteza, possibilidade de banho e flutuação. A empresa receptiva disponibiliza bóia e colete de salva vidas.	4 h a partir de Barreirinhas
Paulino Neves	Município que está dentro da área de proteção ambiental. Para chegar lá, em veículo 4X4, passa-se pelos Pequenos Lençóis. Lá é possível subir na maior duna da região e conhecer o delta do Rio Tatu com sua foz no mar.	8 h a partir de Barreirinhas

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, 2006.

3.3.3. Infra-estrutura e Serviços turísticos

Meios de hospedagens

A oferta hoteleira dos municípios é diferenciada (Tabela I 33). Existem, ao todo, 67 estabelecimentos, somando 693 Unidades Habitacionais (UHs). A oferta abrange todos os municípios, com exceção de Água Doce do Maranhão, para o qual não há informação, apresentando-se mais concentrada, porém, em Barreirinhas, com 67% do total. Se for considerada a oferta de UHs, este número sobe para 71%.

Tabela I 33 — Oferta hoteleira

Municípios	Nº de estabelecimentos	UHs
Barreirinhas	45	493
Paulino Neves	04	24
Tutóia	08	97
Araioses	10	79
Total	67	693

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS de São Luis e seu Entorno, 2006.

A análise da evolução de meios de hospedagem e UHs da região demonstra que tem havido novos investimentos em infra-estrutura turística, gerados pelo aumento do fluxo de visitantes. Esses novos investimentos, privados, colaboram na diversificação da oferta, passando os municípios a oferecer meios de hospedagem mais sofisticados e preparados para as necessidades dos turistas. A região do Delta também tem recebido alguns investimentos privados em meios de hospedagem, especialmente nos municípios de Tutóia e Paulino Neves. Do total de estabelecimentos, 50% foram inaugurados depois de 1998, sendo que, destes, metade apenas nos últimos dois anos (2003 e 2004). Esses investimentos refletem um crescimento gradual da exposição da região no mercado turístico, motivado, em parte, pelo aumento do fluxo turístico para os Lençóis após a implantação da BR-402. Com isso, o Delta passou a ser mais uma opção de passeio, a partir dos Lençóis e de São Luís. Apesar da tendência de aumento dos investimentos hoteleiros, atualmente, a maioria dos meios de hospedagem é de pequeno porte e de administração familiar. Em muitos casos, as pousadas são simplesmente adaptações de casas de moradores, com infra-estrutura bastante precária (PDITS de São Luis e seu Entorno).

A taxa de ocupação hoteleira apresenta variação significativa entre as estações (Tabela I 34). Essa diferença atinge 58% em Barreirinhas, sendo a ocupação na baixa temporada de 35% e, na alta, 93%. Nos demais municípios, a diferença é um pouco menor, 45%, sendo a ocupação média na baixa estação de 15% e 60% na alta.

Tabela I 34 — Taxa de ocupação hoteleira

Municípios	Ocupação média (%)		
	Baixa Estação	Alta Estação	Média Anual
Barreirinhas	35	93	54
Paulino Neves	15	60	26
Tutóia	15	60	23
Araioses	15	60	23

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, baseado em PDITS de São Luis e seu Entorno, 2006.

Restaurantes

A maior parte dos restaurantes dos municípios é de estabelecimentos pequenos, com capacidade para até cem pessoas. Muitos dos estabelecimentos são de base familiar. O número de empregados nos restaurantes é proporcional ao tamanho destes, em média, menos de dez empregados, sendo grande o número de contratações temporárias, especialmente nos municípios de alta sazonalidade (finais de semana, feriados e festividades) (PDITS de São Luis e seu Entorno, s/d).

Agências de receptivo

Atualmente, existem 25 agências e operadoras de receptivo em São Luís, quatorze em Barreirinhas e apenas uma em Paulino Neves. A falta de oferta de agências e operadoras na região do Delta é merecedora de destaque, visto que a maioria dos passeios na região é negociada em outras localidades (São Luís, Barreirinhas, Parnaíba e agências dos mercados emissores distantes) como parte de um pacote incluindo os Lençóis Maranhenses e/ou Jericoacoara, no Ceará.

Em relação ao porte das empresas, a média de funcionários em Barreirinhas é de três pessoas, enquanto em São Luís o número sobe para cinco. Estes números consideram apenas os empregados fixos, que, na maior parte das vezes, cuidam da área de administração e vendas. A diferença do número de empregados se deve, basicamente, à maior estrutura das agências e operadoras da capital. Poucas são as operadoras que mantêm guias permanentes (PDITS de São Luis e seu Entorno, s/d).

Transporte

O acesso às sedes dos municípios é realizado pelas rodovias federais e estaduais que ligam São Luis ao litoral Leste do estado. O acesso a Barreirinhas e Tutóia é pavimentado, mas os trechos que ligam Tutóia a Paulino Neves e Araioses são em leito natural. Da rodoviária da capital partem linhas regulares de ônibus com destino a Barreirinhas e Tutóia. Também, há opção de se fazer o trajeto São Luis-Barreirinhas em pequenos aviões monomotores ou bimotores, a partir do aeroporto da capital, e pouso na pequena pista de Barreirinhas. A viagem é marcada pelo sobrevôo do PNLN. Os passeios para o interior do parque só podem ser realizados por meio de veículos com tração nas quatro rodas.

Guias

Devido às dificuldades de acesso aos principais atrativos da região, o trabalho dos guias é fundamental para a segurança dos turistas. O serviço é realizado, na maioria dos casos, por moradores que conhecem bem as trilhas. A maioria das operadoras de turismo de São Luís e Barreirinhas trabalha com guias autônomos, mantendo eventualmente apenas um ou dois como funcionários fixos. Em Barreirinhas, a pouca quantidade de operadoras que exigem certificação dos guias é normalmente justificada pela ausência de empresas certificadoras na cidade. Entretanto, algumas operadoras fazem tal exigência, mesmo que os guias tenham que obter a certificação em São Luís. Essa situação demonstra uma falha dos empresários e, conseqüentemente, qualidade inferior dos serviços e pouca criatividade da oferta. Segundo o levantamento realizado pelo MTur e a SEBRAE (2005), nenhum dos 61 guias da região foi credenciado para o exercício da atividade.

3.3.4. Infra-estrutura e Serviços de Apoio

Todos os municípios são atendidos por hospitais ou postos de saúde, delegacias ou postos policiais, serviço de correios e telégrafos, bancos ou caixas eletrônicos e postos de abastecimento. Nos cinco municípios operam linhas de telefone particulares, telefones públicos e telefones celulares, mas em Paulino Neves, Araioses e Água Doce do Maranhão não há informação sobre a disponibilidade de serviços de Internet (*cybercafés*). Em nenhum dos municípios operam casas de câmbio. Cabe lembrar que esses serviços, em muitos casos, não chegam às localidades mais distantes, estando disponíveis apenas nas sedes municipais. A Tabela I 35 sintetiza essas informações.

Tabela I 35 — Síntese da infra-estrutura e serviços nos Lençóis Maranhenses e Delta do Parnaíba

Infra-estrutura / Serviços de Apoio	Municípios				
	Barreirinhas	Paulino Neves	Tutóia	Araioses	Água Doce do Maranhão
Hospitais / postos de saúde	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Delegacias / postos policiais	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Casas de Câmbio	Não	Não	Não	Não	Não
Correios	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Serviços de telecomunicação (telefonia, internet etc.)	Sim	-	Sim	-	-
Bancos caixas eletrônicos	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Postos de abastecimento	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, 2006.

3.4. Quadro Síntese dos Problemas do Turismo.

Problemas	Causas Identificadas	Iniciativas Identificadas
Falta de compromisso dos governos locais com as necessidades de desenvolvimento turístico.	Falta de diálogo e sintonia na comunicação entre os gestores públicos, a iniciativa privada e as comunidades locais.	Não foram identificadas ações nesse sentido.
Dificuldades de planejamento, organização e gestão integrada do PCN.	Dimensão excessiva; cada um dos pólos (Lençóis Maranhenses, Delta do Parnaíba e Jericoacoara) apresenta uma identidade, personalidade e dinâmica próprias, as quais justificam um tratamento específico e diferenciado.	<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar a criação de consórcio entre os municípios. (AECI-MA)
Destinos com baixo valor intangível	Presença de contaminação estética e visual; espaços públicos mal conservados; a simbologia da identidade e da cultura local não estão incorporadas à oferta turística; capacidade de hospitalidade dos destinos ainda é deficiente.	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de Planos Diretores Municipais (PRODETUR II)
Depreciação visual dos atrativos naturais.	Ocupação desordenada de margens de rios, dunas e próximas à praia. Disposição de lixo em locais não apropriados.	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de Planos Diretores Municipais (PRODETUR II) • Gestão dos resíduos sólidos (PRODETUR II) • Construção de aterros sanitários (AECI-CE e MA)
Depreciação "física" dos atrativos naturais.	Poliuição dos rios por esgoto e disposição de lixo em locais inapropriados.	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de aterros sanitários (AECI-CE e MA) • SAA e SES (PRODETUR II)
Depreciação visual dos centros urbanos receptores.	Construções fora dos padrões arquitetônicos locais.	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de Planos Diretores Municipais (PRODETUR II)
Desconforto no acesso aos atrativos e na locomoção dentro da região.	Distâncias entre os diversos municípios e as áreas de interesse turístico; condições precárias das estradas.	<ul style="list-style-type: none"> • Construção, recuperação e manutenção de rodovias (PRODETUR II)
Oferta de atrativos pouco diversificada (mais do mesmo).	Pouca iniciativa do setor privado; falta de apoio (manual prático) para a criação, estruturação e comercialização de novos produtos e experiências turísticas.	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento e a criação de produtos e destinos em diversas regiões para descentralizar a atividade turística (Programa de Desenvolvimento de Destinos e Produtos Turísticos, PDDPT (CE)) • Desenvolvimento de potencialidades turísticas regionais (PDDPT (CE)) • Capacitação de profissionais para o turismo(PDDPT (CE))
Falta de competitividade dos destinos e problemas ou limitações na eficácia da comercialização.	Falta de articulação e coesão interna do território, que não tem uma identidade comum; pequena dimensão da maioria das empresas e operadoras; falta de articulação e cooperação entre as empresas.	<ul style="list-style-type: none"> • Seminários e Oficinas de Sensibilização para os atores sociais ligados ao turismo (AECI-MA)

Problemas	Causas Identificadas	Iniciativas Identificadas
Pouco profissionalismo e capacidade gerencial limitada por parte das empresas.	Predominância de empresas de pequeno porte e de caráter familiar; falta de capacidade dos empresários.	<ul style="list-style-type: none"> • Capacitação profissional (PRODETUR II) • Programa de Treinamento (Plano Maior, MA)
Dificuldade de acesso em boas condições a fatores de produção em quantidade e qualidade adequadas (recursos humanos e financeiros).	A mão de obra disponível é semidesqualificada ou desqualificada; reduzida dimensão individual das empresas; fragmentação e falta de articulação do conjunto de empresas do setor.	<ul style="list-style-type: none"> • Capacitação profissional (PRODETUR II) • Programa de Treinamento (Plano Maior, MA) • Projeto de fortalecimento de fornecedores (AECI-MA) • Divulgação de linhas de crédito (AECI-MA)
Dificuldade de acesso a informações de mercado de alta qualidade.	Limitada capacidade das pequenas e médias empresas.	Não foram identificadas ações nesse sentido.
Dificuldades de coesão, participação e cooperação entre as empresas do setor privado.	Ausência de interesses similares e temas concretos de trabalho; falta de homogeneidade no perfil dos interlocutores.	Não foram identificadas ações nesse sentido.
Alto índice de informalidade entre as empresas do setor de turismo.	Formação deficiente e baixa qualificação dos empresários locais, carga tributária elevada, desconhecimento da legislação e dificuldades de acesso a crédito.	<ul style="list-style-type: none"> • Capacitação profissional (PRODETUR II) • Divulgação de linhas de crédito (AECI-MA)
Alta taxa de mortalidade das empresas do setor de turismo.	Falta de capital de giro, dificuldade de acesso a crédito, falta de capacitação dos empresários, problemas financeiros e fiscais.	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação de linhas de crédito (AECI-MA)
Exclusão das pessoas da comunidade local dos cargos administrativos e de gerência.	Formação deficiente, baixa qualificação e falta de capacidade da mão de obra local.	Não foram identificadas ações nesse sentido.
Exclusão das pessoas da comunidade local dos cargos menos qualificados.	Formação deficiente e falta de capacidade para o serviço do turismo.	Não foram identificadas ações nesse sentido.
Reação negativa da população em relação ao turismo.	Sentimento de exclusão do processo de desenvolvimento do turismo; não se percebemos benefícios como sendo direcionados para a comunidade.	Não foram identificadas ações nesse sentido.
Especulação imobiliária.	Compra de terrenos por grandes investidores a preços muito baixos, com fins especulativos.	Não foram identificadas ações nesse sentido.
Aumento do custo de vida.	Pressão inflacionária devido ao aumento dos preços dos produtos e serviços para os turistas, normalmente dispostos a pagar mais.	Não foram identificadas ações nesse sentido.
Aumento do uso e tráfico de drogas e da prostituição infantil.	Aumento do fluxo turístico na região e ausência de controle e fiscalização.	Não foram identificadas ações nesse sentido.

Fonte: LIMA/COPPE/UFRJ, 2006.